

ERACLIDES ANA FLORES KLOECKNER

O Papel da Orientação Educacional no Currículo Escolar

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1985

Professor Orientador:

CONSUELO DE MENEZES GARCIA

Livre Docente pela UFPR

Professor Titular da UFPR

Consultor:

HELOÍSA LÜCK

Doutor em Educação pela Columbia

University

Professor Adjunto da UFPR

SUMÁRIO

Folha de Rosto	<i>ii</i>
Sumário	<i>iii</i>
Lista de Tabelas	<i>v</i>
Lista de Quadros	<i>viii</i>
Lista de Abreviaturas	<i>ix</i>
Resumo	<i>xiii</i>
Summary	<i>xv</i>
CAPÍTULO I - O PROBLEMA	<i>1</i>
Introdução	<i>1</i>
Objetivos	<i>4</i>
Definição do Problema	<i>6</i>
Hipóteses de Trabalho	<i>7</i>
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	<i>8</i>
1. Currículo	<i>8</i>
1.1. Conceituação	<i>8</i>
1.2. Cinco concepções de currículo	<i>10</i>
2. Currículo e Orientação Educacional	<i>17</i>
2.1. Análise da ação do Orientador nas cinco concepções de currículo	<i>17</i>
2.2. Razões para integrar a Orientação Educacional no currículo	<i>21</i>
3. Histórico da Orientação Educacional	<i>38</i>
3.1. Histórico	<i>38</i>

3.2. Aspectos filosóficos da Orientação Educacional ...	41
3.3. Origem da Orientação no Brasil	45
4. Linhas, Funções e os princípios da Orientação Educacional	49
5. A realidade educacional do mundo de hoje e a Orienta- ção Educacional	53
6. Recursos Operativos em Orientação Educacional - Orien- tação em Grupo	57
6.1. Conceituação de grupo	57
6.2. Tipo de trabalho em grupo	57
6.3. Sessão de Orientação Educacional	58
NOTAS DE REFERÊNCIA	62
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	65
1. Preparação: compreendendo a revisão da literatura, organização e validação do instrumento, população alvo .	65
2. Execução: constando procedimento metodológico, a co- leta dos dados e as limitações	66
3. Análise dos resultados	67
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
Recomendações decorrentes	96
GLOSSÁRIO	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	108
I - Autorização	109
II - Carta de Apresentação e Questionário	111
III - Relação das Escolas visitadas	129

LISTA DE TABELAS

1. Distribuição dos respondentes considerando faixa etária e o sexo	68
2. Demonstrativo do número de respondentes em relação a função exercida na Escola e o respectivo grau de instrução	69
3. Indicação da integração da Orientação Educacional funcionalmente ao currículo	70
4. Caracterização do currículo das Escolas em função das cinco concepções curriculares	71
5. Caracterização do nível de importância dos objetivos da Orientação Educacional para implementação do currículo	72
6. Caracterização do nível de integração da Orientação Educacional com os envolvidos no processo educativo ..	73
7. Indicação da existência ou não de um horário para a realização das atividades de Orientação Educacional ..	74
8. Demonstrativo da demanda da Orientação Educacional proposta no currículo escolar	75
9. Distribuição das sessões coletivas de orientação em relação ao planejamento anual do currículo	76
10. Distribuição das sessões coletivas de orientação em função da sua frequência na Escola	77

11. Distribuição das sessões coletivas de orientação considerando a série escolar atingida e o tempo de duração da atividade	78
12. Indicação da ocorrência das sessões coletivas de orientação relacionadas a currículo	79
13. Caracterização dos temas desenvolvidos nas sessões coletivas de orientação e sua relação com as cinco concepções de currículo	80
14. Distribuição das sessões coletivas de orientação em relação ao seu planejamento e as situações que as suscitam	81
15. Demonstrativo sobre o atendimento das sessões coletivas de orientação e indicação da finalidade destas sessões	82
16. Distribuição das sessões coletivas de orientação em relação a necessidade e frequência da sua avaliação ..	83
17. Distribuição das sessões coletivas de orientação considerando ocorrência e responsabilidade da avaliação..	84
18. Caracterização do tipo de recurso utilizado para a avaliação das sessões coletivas	85
19. Caracterização da importância das sessões coletivas de orientação segundo Diretores, Supervisores, Orientadores e Professores	86
20. Distribuição da sessão coletiva de orientação em relação ao desenvolvimento das tarefas evolutivas	87
21 e 22. Indicação da função exercida pelos respondentes e o incentivo das sessões coletivas de orientação na Escola	88/89

23. Caracterização do conteúdo trabalhado na Escola e sua relação com as cinco concepções de currículo	91
24. Caracterização do aluno no processo ensino/aprendizagem e o enfoque curricular	92
25. Caracterização do material escolar e a sua relação com as cinco concepções de currículo	93
26. Indicação dos respondentes e a importância da atuação do professor na comunidade escolar	94
27. Indicação da ação do Orientador no contexto escolar segundo visão do Diretor, Supervisor, do Professor e pelo próprio Orientador	95

LISTA DE QUADROS

1. Escolas de Ensino de 1º Grau, da Rede Municipal de Curitiba, em 1984	67
2. Referencial teórico sobre as cinco concepções de currículo	24
3. Enfoque curricular destacando os aspectos relevantes para a Orientação Educacional	32

LISTA DE ABREVIATURAS

AA	- Auto-atualização
Art.	- Artigo
CADES	- Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CT	- Currículo como Tecnologia
et alii	- e outros
FENOE	- Federação Nacional dos Orientadores Educacionais
ISOP	- Instituto de Seleção e Orientação Profissional
LDBEN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério de Educação e Cultura
O.E	- Orientação Educacional
Or. E	- Orientador Educacional
Par.	- Parecer
PC	- Processo cognitivo
PUC	- Pontifícia Universidade Católica
PSIC.	- Psicólogo
RA	- Racionalismo acadêmico
RS	- Reconstrução/ou relevância social
SENAC	- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SOE	- Serviço de Orientação Educacional
s.d.	- sem data
s.r.	- sem resposta

APRESENTAÇÃO

A idéia deste trabalho surgiu em decorrência da seguinte inquietação: Qual a verdadeira importância das atividades da Orientação Educacional em nosso contexto escolar?

Com efeito, em minha experiência profissional e mesmo em troca de idéias com algumas Orientadoras Educacionais pude perceber certo temor no que diz respeito ao não reconhecimento por parte do pessoal ligado ao ensino/aprendizagem em considerar como necessário à existência desta atividade junto aos educandos de nossas escolas. É evidente que em se tratando de Educação nada é e deve ser considerado definitivo mas, passível de aprimoramento, melhoras.

Em meu entender a não credibilidade para com a Orientação Educacional se prende a forma de operacionalizar estas atividades.

Através desta pesquisa procuro ratificar a importância da Orientação Educacional tão bem defendida por autores como: OSWALDO DE BARROS SANTOS, MARIA DA GLÓRIA PIMENTEL, ILKA NEVES, IMÍDEO G. NÉRICI.

Que esta atividade ocorra integrada ao currículo e o recurso utilizado para sua operacionalização são as sessões coletivas de Orientação.

Só assim sua forma de ação será mais valorizada, abrangente e efetiva.

A conclusão deste meu trabalho somente se tornou possível graças ao estímulo e apoio de professores e amigos aos quais muito agradeço.

Meus agradecimentos se dirigem também ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação, em Nível de Mestrado que me possibilitou a oportunidade de concluir este curso. De um modo especial quero agradecer às Professoras: CONSUELO DE MENEZES GARCIA e HELOISA LÜCK pelo apoio e incentivo. Finalizando agradeço ainda ao Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba por me possibilitar o contato com as Escolas Municipais de 5ª a 8ª série, universo do meu trabalho.

Meus agradecimentos a meus pais
MÁRIO e ANA, presença constante
em minha vida e, para HENRIQUE
CÉSAR, meu filho, dedico esta
minha vitória.

RESUMO

Este trabalho sobre o Papel da Orientação Educacional no currículo escolar, teve como propósito enfatizar a importância desta atividade integrada ao currículo e as sessões coletivas de orientação um dos recursos operativos utilizados para este fim.

Foram levantadas hipóteses de trabalho que pudessem validar a relação existente, ou não, entre as sessões coletivas de orientação e enfoque curricular específico, também da importância destas sessões como atividades curriculares, bem como do seu processo de incentivo em todo contexto escolar.

Como procedimento metodológico fez-se a revisão da literatura, a elaboração, validação e aplicação de um questionário informativo.

A população alvo a ser atingida foram os Diretores, Supervisores, Orientadores e Professores atuantes em 07 Escolas de 5ª a 8ª série da Rede Municipal de Ensino, da cidade de Curitiba, no período 84/85.

Após a coleta de discussão dos dados constatou-se que, nas Escolas objeto deste estudo, a Orientação Educacional não está integrada ao currículo.

Quanto as sessões coletivas de orientação são consideradas pelos respondentes como necessárias e que ocorrem quando há necessidade, não tendo um horário específico para sua rea-

lização.

Partindo desta constatação ratificamos uma vez mais a necessidade da sua integração no currículo para uma atuação mais eficaz e maior abrangência de ação.

SUMMARY

The aim of this research concerning the Role of Educational Orientation in the School Curriculum was to emphasize the importance of this activity when integrated with the curriculum and with collective orientation sessions, one of the operative resources used for this purpose. Hypotheses were made which might validate or not the existing relationship between collective orientation sessions and specific curricular focus, and also of the importance of these sessions as curricular activities and as an incentivating influence in the context of the school.

Our methodological procedures concerned the re-reading of relevant literature and the preparation, validation and application of a questionnaire.

The target population consisted of Directors, supervisors, orientators and teachers in 7 fifth to eighth grade municipal schools in Curitiba during the period from 1984 to 1985.

Those who replied to the questionnaire considered that collective orientation sessions were necessary, and that they occurred at need without being pre-arranged for specific times.

As a result of this, we wish to emphasize once again the need to integrate such sessions into the curriculum so that they will be more effective and have a wider sphere of influence.

Capítulo I

O PROBLEMA

INTRODUÇÃO

É propósito desta pesquisa enfatizar a necessidade da existência em nossas Escolas de Orientação Educacional não apenas em caráter preventivo e desenvolvimentista, mas de forma integrada, dinâmica e operacional através das sessões coletivas de orientação, como atividades curriculares.

Estas sessões sob os mais diversos enfoques se bem planejadas e trabalhadas transformam-se em recursos operativos dos mais proveitosos para a Escola.

O papel da Orientação Educacional em todo contexto escolar a cada dia que passa se torna mais e mais relevante. Isto se deve ao fato de existir certa intranquilidade provocada pelo rápido desenvolvimento da tecnologia, pelos problemas oriundos das transformações das estruturas sócio-econômicas.

A Escola, não poderia ficar alheia a tais transformações sob pena de se tornar alienada, ou seja, ficar dissociada da realidade. Para se tornar coerente, a Escola necessita mudar e ampliar as funções que tradicionalmente exercia.

É necessário a redefinição de seu próprio papel dentro do processo sócio-econômico em evolução para que só assim a-

tinja seus objetivos reais e prioritários. Por outro lado, o ensino/aprendizagem precisa estar voltado não só para a realidade existente mas, acima de tudo ser coerente com o desenvolvimento global do educando.

Quanto às atividades curriculares necessitam despertar no educando seu espírito crítico e sua participação criativa além de outras variáveis. Somente assim, a educação passa a ser um processo semelhante ao da própria vida, na medida em que provê meios para a autonomia e desenvolvimento pessoal dos indivíduos com a mesma identidade de objetivos, Educação e Orientação podem caminhar juntas. A necessidade desta última está presente em todos os momentos da vida, na Escola formal ou fora dela o que explica sua viabilidade em qualquer tempo, em qualquer lugar com quaisquer pessoas. Todas as vezes em que o indivíduo se defronta com uma tomada de decisão a Orientação torna-se praticamente indispensável na medida em que possibilita o crescimento e a auto-determinação de cada um. O reconhecimento desta premissa é visto nos esforços para oferecer orientação aos mais idosos, aos adolescentes e mesmo no desenvolvimento de todos os tipos de assistência prestada aos portadores de deficiência em qualquer idade, no processo de aprendizagem ou de descoberta de si mesmos. Considerando-se a adolescência como o grupo objeto deste estudo e o período da busca da auto-afirmação¹, onde a insegurança frente às alter-

¹Para um maior aprofundamento deste tópico sugere-se a leitura de: ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e Crise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976. FURTER, Pierre. *Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia*. Petrópolis, Vozes, 1975. MIELNIK, Isaac. *Os adolescentes: conceito, dinâmica e orientação do adolescente*. São Paulo, IBRASA, 1984. PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. São Paulo, MacGraw-Hill do Brasil, 1979.

nativas de escolha é bem maior e mais freqüente percebe-se a Orientação como sendo um esforço sistemático no sentido de colaborar na melhoria da qualidade daquelas escolhas. É um trabalho que decididamente busca o desenvolvimento do educando de uma forma mais abrangente possível. É um apoio ao jovem de forma a possibilitar melhor integração: na escola, na família e na sociedade. Contudo, para que a imagem da Orientação Educacional seja verdadeira e valorizada é necessário sua integração ao currículo não limitado ao conteúdo programático, porém em âmbito maior. E, quanto à ação do Orientador Educacional será sobretudo em processo cooperativo, isto é, sempre associada aos demais elementos da Escola.

As atividades necessitam ser planejadas de forma que cada um desses elementos, possa assumir sua responsabilidade e oferecer plena e maciça colaboração. Um planejamento dessa ordem é condição *sine qua non* para a realização de um trabalho integrador na comunidade escolar.

O próprio CURRÍCULO se constitui em instrumento comum de trabalho para todos os componentes da Escola.

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Caracterizar a necessidade de integração da Orientação Educacional ao Currículo para maior efetividade dos resultados escolares.

1.2. Objetivos específicos

1.2.1. Identificar a concepção curricular adotada nas Escolas de 5ª a 8ª série da Rede Municipal de Ensino da cidade de Curitiba;

1.2.2. Verificar tipos de conteúdos trabalhados nas sessões coletivas de Orientação Educacional, e, sua relação com o currículo pleno da Escola;

1.2.3. Caracterizar os níveis de integração dos elementos de Orientação Educacional e currículo que atuam no processo ensino/aprendizagem, nas Escolas de 5ª a 8ª série da Rede de Ensino da cidade de Curitiba;

1.2.4. Verificar a relação existente entre as sessões coletivas de orientação e o currículo;

- 1.2.5. Relacionar as sessões de Orientação Educacional como atividade curricular e co-curricular na formação do educando;
- 1.2.6. Identificar a realização das sessões coletivas como recurso utilizado pela Orientação Educacional no desenvolvimento de suas atividades curriculares.

2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Qual/is da/s cinco concepções de currículo está/ão sendo desenvolvida/s no Ensino de 5.^a a 8.^a série, nas Escolas da Rede Municipal de Curitiba, no período de 1984/85, e como a Orientação Educacional está integrada a essa proposta?

3. HIPÓTESES DE TRABALHO

- 3.1. Os Orientadores Educacionais realizam sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares com base em concepção de currículo específica;
- 3.2. Os Orientadores Educacionais realizam sessões de Orientação Educacional não relacionadas a uma concepção de currículo específica;
- 3.3. Os Professores e Especialistas em Educação aceitam a Orientação Educacional como agente dinamizador de concepção curricular assumida pela Escola;
- 3.4. Não há reconhecimento por parte dos Professores e Especialistas em Educação quanto à necessidade do emprego das sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares;
- 3.5. O processo de incentivo à realização das sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares está na dependência de fatores estruturais e funcionais do próprio planejamento curricular da Escola.

Capítulo II

REVISÃO DA LITERATURA

1. CURRÍCULO

1.1. Conceituação

Primeiramente o currículo foi visto como sendo o programa de ensino. Era uma lista de matérias a ser estudada pelos alunos sob a orientação do professor e, todo o conhecimento daí advindo deveria ser memorizado.

O ambiente escolar em pouco ou em nada influenciava o planejador de currículo. CASWELL, citado por TRALDI, enfatiza ser necessário ao planejar currículo considerar "*tudo que acontece na vida de uma criança, na vida de seus pais e de seus professores. Tudo o que cerca o aluno em todas as horas do dia, sua vivência constitui matéria para o currículo*".¹

Dessa forma currículo confunde-se com o ambiente posto em ação.

Para efeito deste trabalho currículo é entendido como *um padrão organizacional de estruturação da aprendizagem*.²

A seleção das experiências de aprendizagem reforça o encontro do aluno com o próprio conteúdo do currículo.

O período da adolescência é aquele em que cada ser está em busca de sua própria identidade e por isso comprometido com o desenvolvimento do indivíduo na seqüência de vida.

Desta forma requer atenção especial por parte de todos os educadores.

O adolescente, não sendo criança e não possuindo a maturidade e os mecanismos de defesa do adulto, tem uma forma de agir muito peculiar necessitando de todos, em geral, muita compreensão e diálogo, mas precisa, ao mesmo tempo, ser o auto-determinador de seu projeto histórico.

Suas necessidades, interesses, precisam ser considerados, as tarefas evolutivas que caracterizam o período da adolescência observadas e trabalhadas. *"Partindo de quem é o aluno, de sua vida, de seus interesses, de seus problemas reais, de suas necessidades, de seu universo cultural, desenvolver ao máximo o de que ele é capaz".*³

Toda a prática escolar voltada para desenvolver no aluno o exercício de uma vida construtiva e participativa.

Quase tudo o que acontece ao aluno sob a influência da Escola é planejado, coerente e coordenado. Pouco será improvisação, fruto do acaso. É preciso resgatar o valor dos conteúdos, não os compartimentalizados mas, os problematizados, dialetizados, que possibilitem ao aluno um maior aproveitamento, um pensar criticamente o mundo do qual ele faz parte.

A qualidade do conhecimento é de suma importância tendo em vista que o conteúdo é o veículo utilizado pelo aluno para o exercício do pensamento crítico.

Em momento algum esquecer da educação integral, do desenvolvimento bio-psico-social do aluno, reforçando o que a

Lei 5692/71 preconiza no seu Art. 1º — "O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania".⁴

Dada sua importância, o planejamento curricular se constitui numa estratégia que deve envolver todos os agentes educativos os que agem na Escola, na Família, na Comunidade.

Esta cooperação requer participação discutida, analisada, criticada, planejada em face da realidade de cada escola.

1.2. Cinco concepções de currículo.

Segundo Eisner⁵ cinco são as concepções curriculares a nortear o trabalho educativo realizado nas escolas: (RA) racionalismo acadêmico, (PC) processo cognitivo, (AA) auto-atualização, (CT) currículo como tecnologia e (RS) reconstrução social e/ou relevância social.

Na concepção curricular RACIONALISMO ACADÊMICO pouca ou em quase nada ocorre a participação do aluno nas decisões relativas aos objetivos do ensino.

O aluno é um simples receptor de verdades pré-estabelecidas.

Busca-se o desenvolvimento da sua função intelectual.

Toda a aprendizagem tem como ponto de partida o conteúdo já dominado. A preocupação maior é a formação do homem erudito, intelectualmente capacitado e herdeiro da tradição cultural dos antepassados.

A educação se coloca como neutra na medida em que busca

somente a transmissão de conhecimentos cientificamente comprovados e aceitos.

Este conhecimento é inquestionável baseado em verdades definidas.

É um conhecimento a-temporal, universal. Assim seja em que tempo for, no mais diversificado contexto sócio-cultural o que se transmite para um determinado indivíduo serve igualmente a todos.

A sociedade é boa e justa. O indivíduo será preparado, moldado para viver nesta sociedade onde todos por hipótese tem direitos iguais.

É na Escola que as gerações mais novas recebem a herança cultural acumulada pelas gerações que as antecederam. O professor é o portador de todo saber e cabe ao aluno receber este saber. Ser bom professor é sinônimo de domínio do conteúdo e ser bom aluno é não criar problemas.

Tudo reforça o autoritarismo do professor: a disposição das carteiras, a organização das fichas, o relacionamento aluno versus professor e vice versa. A disciplina é imposta, a ordem é exigida. Ao aluno cabe a dedicação aos estudos. O protótipo de aluno exemplar é o pontual, o sempre uniformizado, o assíduo às aulas, o que traz as tarefas escolares sempre prontas e responde acertadamente as perguntas que lhe são formuladas. É importante que seu timbre de voz e seu vocabulário seja adequado ao ambiente que frequenta. Aqueles que não se enquadram neste *modelo* (o grifo é nosso) são considerados carentes, problemáticos, com desvios de comportamento e necessitam ser trabalhados de modo a atingir o suposto padrão do estudante ideal.

O enfoque DESENVOLVIMENTO DE PROCESSO COGNITIVO tem por objetivo desenvolver as habilidades cognitivas e não a simples aquisição de conhecimentos.

O conteúdo é o meio que possibilita ao aluno atingir a autonomia intelectual. A fundamentação desta concepção curricular tem suas origens nas teorias de aprendizagem e de desenvolvimento surgidas na década de 50. Seus principais teóricos são: Piaget, Bruner e Ansubel.

Aqui o aluno é o sujeito da aprendizagem, o professor é o coordenador. A competência deste está diretamente relacionada ao domínio das teorias de aprendizagem e ao processo de desenvolvimento mental do aluno.

O professor não sendo mais o transmissor do saber transforma-se em seu ativador cabendo aos alunos a construção deste saber.

O currículo obedece às estruturas cognitivas dos alunos e segundo Jerome Bruner *"todo assunto pode ser ensinado a qualquer criança, desde que sob alguma forma autêntica"*.⁶ O importante é respeitar as condições de maturidade e prontidão de cada um. Estas condições estão vinculadas aos estágios:

1. sensório-motor (0 a 2 anos) caracterizado pelas ações motoras, sem atividade de pensamento, isto é, por ações que não se interiorizam em representações. Tudo se resume no aqui-e-agora da percepção pelos sentidos. O que a criança deixa de ouvir, ver ou tocar, para ela não existe;

2. pré-operacional (2 aos 7 anos) aparece aqui a função simbólica sob formas como as de linguagem e jogos a base de imitação;

3. operações concretas (7 aos 11 anos) ocorre uma es-

truturação progressiva do mundo real surgem as operações lógicas como resultado das ações de combinar, dissociar, organizar e estabelecer correspondências;

4. operações formais ou proporcional (12 anos em diante) este é o último dos estágios e conduz à lógica do adulto. Aqui é capaz de aceitar qualquer espécie de dado como hipótese e, partindo daí, raciocinar corretamente.

para atingir seu objetivo o currículo deve partir do concreto para o abstrato, do particular para o geral, do que está próximo para o mais distante.

Lembrando Bruner, este é um currículo estruturado em forma de espiral, ou seja, o tema vai sendo gradativamente ampliado e aprofundado. O importante é o processo de aprendizagem, centrado na aquisição de conhecimentos.

O ponto central da concepção curricular AUTO-ATUALIZAÇÃO é o homem com sua capacidade de agir e fazer escolhas. Aqui aparecem as pedagogias não diretivas de Rogers, Gilles, Terry, Lobrot, entre outros.

Neste enfoque o ser humano é visto como em constante vir-a-ser e o currículo gira em torno dos interesses, propósitos, necessidades e aspirações de cada aluno em particular.

O importante é a auto-avaliação, ou seja, a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, de seu crescimento interno. A atitude do professor é a de facilitador das condições de aprendizagem.

O relacionamento aluno/aluno, aluno/professor é de fundamental importância na criação de uma atmosfera favorável para um melhor aprendizado. O conteúdo funciona como meio pelo qual estas relações se estabelecem. O indivíduo é senhor

absoluto dos seus atos.

Livre, faz as escolhas que mais lhe convier. A própria consciência do indivíduo será o foco desta liberdade.

Na concepção CURRÍCULO COMO TECNOLOGIA a ênfase está na eficiência e produtividade do aluno.

Este enfoque curricular se apoia em bases comportamentalistas. A liberdade de escolha sobre influência do tipo de estimulação que o meio oferece. Grande força é dada à educação. A consciência do indivíduo pode se formar acidentalmente ou então incentivada através da educação. Dada sua importância, toda aprendizagem precisa ser planejada, controlada e averbada de forma rigorosa, segundo o método científico.

O produto da educação é a aprendizagem do aluno e toda sua conquista é acompanhada e registrada. O ritmo de aprendizagem de cada um em particular será sempre respeitado. Tão importante quanto o que vai ser ensinado está o COMO será ensinado, para facilitar a aprendizagem de cada um dos alunos.

O meio é a mensagem.

A qualidade do ensino está vinculada à qualidade do material instrucional utilizado: multimeios, computadores, instrução programada, tele-ensino, outros. A relação aluno/conhecimento é veiculada por recursos tecnológicos.

Todo o processo de aprendizagem é controlado através da observação da modificação do comportamento.

O reforço é o estímulo. Pois será ele que aumentará ou não a probabilidade da ocorrência de respostas compatíveis com o que é ensinado.

Aluno mais efetivo é sinônimo de estudante que mais respostas certas dá. O sucesso alcançado é a resposta ao seu pre-

paro e em sua participação.

O planejamento é elaborado cientificamente por especialistas em programação.

Grande destaque é dado ao controle do processo pois este garante a qualidade do ensino e o sucesso do aluno. O planejamento tem papel preponderante. Busca-se a maximização da aprendizagem.

O sucesso, a eficiência, o individualismo são amplamente valorizados e trabalhados. Escola e empresa se assemelham pois ambas falam linguagem de produção. Esta abordagem curricular é utilizada para treinamento de pessoal e de formação de mão-de-obra. No ensino formal também é utilizada para estruturação das lições e o restante do tempo pode ser trabalhado pelo professor para melhor se relacionar com os alunos.

No momento em que o aluno passa a ser visto como construtor de uma nova ordem social ocorre a concepção curricular RECONSTRUÇÃO SOCIAL. Os temas abordados brotam do cotidiano. Valoriza-se o conflito sob a mais variada forma, pois é considerado necessário ao crescimento pessoal, grupal e social do indivíduo. O aluno torna-se sujeito e objeto de sua própria aprendizagem e na relação professor/aluno há intercâmbio de experiências.

É necessário valorizar o saber do aluno, ampliá-lo para que tenha acesso a outros saberes. O saber é o instrumento que facilita o acesso ao mundo do trabalho, da informação. A escola se constitui em único canal de acesso ao conhecimento valorizado pela sociedade.

O papel do professor é ser coordenador do processo ensino/aprendizagem. A coordenação se faz por meio de levanta-

mento de problemas sociais. O indivíduo não é a-histórico. É o homem real, vive em tempo e espaço determinados.

A partir desta constatação o planejamento é elaborado.

A prática pedagógica passa a ser vista dentro de um contexto político e ideológico.

Currículo, a metodologia, a avaliação, tudo que acontece na Escola está de alguma forma vinculado a percepção do homem e do mundo que o rodeia.

2. CURRÍCULO E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

2.1. Análise da ação do Orientador nas cinco concepções de currículo.

Na concepção curricular RACIONALISMO ACADÊMICO a atuação do Orientador está diretamente relacionada ao ajustamento do aluno à escola e à sociedade.

Cabe-lhe detectar os problemas existentes e trabalhar com estes alunos considerados desajustados aos padrões convenionados de normalidade. A ação do Orientador se faz de forma coletiva ou individual na tentativa de recuperá-los. É um trabalho mais assistencial na medida em que faz a prestação de serviços.

No seu atendimento ao aluno procura ajudá-lo em sua adaptação às normas escolares, ao saber, ao futuro mundo do trabalho. Nesta concepção de currículo o planejamento da Orientação Educacional aparece de forma dissociada do currículo.

O ponto comum entre ambos está no objetivo: formação integral do indivíduo e em decorrência seu ajustamento à escola e à sociedade. Aqui aparece uma orientação corretiva, centrada na conduta, nas inadaptações, nos desajustamentos em geral.

É uma atuação predominantemente psicológica. Toda crença se faz no homem portador de potencialidades, voltadas para o bem e para o mal e que o meio contribui significativamente para o desenvolvimento destas potencialidades, direcionando-as para

uma forma de agir positiva ou negativa. São utilizados recursos como: questionários, testes, entrevistas. Parte-se da premissa de que na sociedade existem oportunidades iguais para todos.

Aos mais aptos, aos mais capazes, mais esforçados o prêmio é o sucesso, e a utilização das oportunidades.

As diferenças individuais justificam a diversidade de posições existentes para o indivíduo na sociedade.

Objetivando maior prontidão no atendimento do aluno considerado problema a ação do Orientador se faz também junto à Família e aos Professores.

É uma orientação voltada para um melhor agir junto ao adolescente.

A mediação escola/família ocorre na medida em que esta última é informada quanto ao preparo intelectual dos filhos.

A participação do Orientador também se faz presente quando da elaboração de testes e instrumentos de medida, exercendo influência para que seja respeitado a seqüência lógica do conteúdo. É feito também o processamento da informação profissional com o objetivo de alertar o jovem para a escolha de um curso profissionalizante, que propicie maior satisfação pessoal e desempenho profissional mais produtivo.

No enfoque curricular DESENVOLVIMENTO PROCESSO COGNITIVO a Orientação Educacional tem um papel bastante significativo.

Seus objetivos estão voltados para a autonomia intelectual do aluno, o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas, a aquisição dos conteúdos mais significativos. A participação do Orientador ocorre através do envolvimento com o

planejamento, implementação, desenvolvimento e avaliação do currículo.

O próprio planejamento do Orientador alimenta o planejamento do professor, pois possibilita informações precisas quanto aos interesses e ao momento mais adequado para o aluno aprender determinado conteúdo. Em conjunto são definidas metodologias, critérios e instrumentos de avaliação e organização das turmas.

O Orientador Educacional acompanha o processo ensino/aprendizagem como consultor, sugerindo atividades que estimulem o desenvolvimento do aluno. Com o Supervisor Escolar e demais professores busca a seleção dos conteúdos, sua validade, sua ampliação e seu aprofundamento.

Mantém a família informada quanto à forma de atuação da Escola em relação ao aprendizado do aluno.

O papel desempenhado pelo Orientador Educacional na AUTO-ATUALIZAÇÃO é o de facilitador das relações inter-pessoais.

É um trabalho que favorece o crescimento mútuo, e nesta troca aluno e professor se beneficiam.

São trabalhados valores próprios da natureza humana como por exemplo liberdade, autenticidade, responsabilidade, auto-disciplina, solidariedade entre outros. O que se procura é o desenvolvimento da qualidade do relacionamento inter-pessoal e intergrupar. O auto conceito, a atualização do potencial do aluno são também desenvolvidos.

O Orientador detecta os interesses, necessidades, aspirações e constantes mudanças no comportamento do aluno. Este será o ponto de partida para adequar o currículo aos interesses e necessidades do aprendiz.

No enfoque CURRÍCULO COMO TECNOLOGIA a postura do Orientador Educacional está voltada para desenvolver no aluno a capacidade de ser útil a si e a sociedade em termos de eficiência. São utilizados recursos como: testes, inventário de interesses, entrevistas. A finalidade é coletar um maior número possível de informações sobre como o aluno aprende e conseqüentemente ter subsídios para o planejamento do material instrucional.

Outra preocupação do Orientador Educacional é ampliar o processo de preparação para o trabalho.

O aluno possui aptidões, interesses e habilidades. Faz-se necessário ajudá-lo a descobrir suas possibilidades e limitações, direcionando-o para uma escolha profissional mais adequada.

É feito também um assessoramento junto à família no sentido de informá-la sobre os progressos e dificuldades dos filhos na Escola. O Orientador Educacional estabelece a ponte escola/comunidade buscando informar sobre o mercado de trabalho, possibilidade de estágios, oportunidades profissionais existentes na comunidade.

Na concepção curricular RECONSTRUÇÃO SOCIAL a ação coletiva, a participação, a cooperação são valorizadas e estimuladas. Busca-se desenvolver no aluno a visão crítica da sociedade e/ou conformismo.

A Escola transforma-se no espaço educacional da comunidade.

É do conhecimento e compreensão da realidade global que o Orientador Educacional capta o problema da educação, da escola e da sala de aula.

Será ele também quem fará a ligação escola/família/comunidade.

Através do planejamento curricular a influência se faz no sentido de que haja na escola uma educação para o trabalho e pelo trabalho.

Pode-se acrescentar ainda que a forma de atuação do Orientador traduz o enfoque curricular adotado pela Escola podendo promover tanto o ajustamento como integração do indivíduo à sociedade. (Ver Quadros 2 e 3)

2.2. Razões para integrar a Orientação Educacional no currículo.

A integração da Orientação Educacional no currículo é fundamental tendo em vista as implicações que daí decorrem.

Para que ocorra de forma integrada ao currículo seus objetivos necessitam ser trabalhados conjuntamente em relação aos demais objetivos e atividades curriculares.

Sem uma ação conjunta os objetivos perdem seu ponto de convergência e as atividades dispersas prejudicam sobremaneira o objetivo geral, que é o atendimento ao aluno nas suas necessidades básicas.

A Orientação Educacional integrada ao currículo apresenta uma amplitude operacional muito grande na escola brasileira pois além de ser extensiva à totalidade dos alunos, ainda há o envolvimento de todos aqueles que de alguma forma estão ligados ao processo ensino/aprendizagem.

Algumas colocações que ratificam a importância da ação integrada da Orientação Educacional com o currículo são:

- semelhança de funções, isto é, ação voltada para o aluno através da identificação e orientação de seus problemas;

- alunos, família, professores, comunidade atingidas pelo currículo e orientação;

- semelhança de conteúdo e de recursos educacionais utilizados;

- semelhança na metodologia e nas técnicas de trabalho com os alunos;

- semelhança em termos de abordagem, preventiva e desenvolvimentista;

- semelhança entre os problemas da Orientação Educacional e do currículo no que tange a preservação da unidade e continuidade do processo educativo, envolvendo planejamento, coordenação, articulação e comunicação;

- planejamento de atividades que promovam o desenvolvimento do aluno;

- atividades curriculares centradas no aluno;

- utilização da mesma psicologia da aprendizagem;

- atendimento à totalidade dos alunos da Escola numa ação mais preventiva e desenvolvimentista.⁷

É necessário conhecer *como* o aluno aprende.

Em que contexto sócio-cultural está inserido. O aluno ao chegar na Escola sempre traz como bagagem algum conhecimento, não necessariamente o preconizado pela Escola mas aquele do seu cotidiano.

E a partir daí sem desconhecer o mundo do aluno fazer o planejamento curricular.

Do encontro do real com o ideal, do que já foi conhecido, das habilidades que o aluno já desenvolveu, buscar a valo-

rização do que de positivo o aluno já adquiriu, para só então levá-lo à aquisição de novos conhecimentos.

"Adequar o currículo ao aluno exige conhecer o aluno, investigar o seu mundo, para partir daí todo o processo de intervenção pedagógica".⁸

É o currículo, sem sombra de dúvida o instrumento de direção de trabalho do Orientador Educacional e dos demais profissionais envolvidos em educação.

Quadro 2

REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE AS CINCO
CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO

Concepções de Currículo Operacionalização	Desenvolvimento de Processos cognitivos	Currículo como Tecnologia
Objetivos da Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Posto em forma de processo; - Uso do trabalho intelectual para fins de conhecimento - Atividade de grupo - Desenvolvimento da habilidade intelectual - Estabelece mecanismos para solução de situações novas - Estimulação dos processos de habilidades cognitivas - Dá ênfase ao <u>como</u> o aluno aprende - Considera a estrutura mental do aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Posto na eficiência do processo educacional - Encontra meios eficientes para atingir o conjunto de fins pré-definidos e não problemáticos. - Comunica conhecimentos - Visa desenvolver a eficiência do processo instrucional.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Depende do aprendizado de cada aluno - Serve como instrumento - Não é enfatizado. - É mais um meio - Não é sequenciado - Escolarização aberta, orientada para o crescimento - Aprendizagem dinâmica - Permite prover o aluno de autonomia intelectual levando-o a aprender qualquer espécie de conteúdo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ocorre em situações preditíveis - Pouca ou nenhuma referência - Fala linguagem de produção - Envolve termos como: insumos, produto, comportamento de entrada, modelos cibernéticos, estímulo, reforço. - Relacionado com o desenvolvimento da instrução.
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Elemento interativo e adaptativo - Faz suas próprias seleções - É de primazia a interação entre aluno e material - Centro do processo ensino/aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elemento de laboratório. - Vai validar a função instrucional preparada - Não é visto como problema nem como elemento particularmente dinâmico.

Concepções de Currículo Operacionalização	Desenvolvimento de Processos cognitivos	Currículo como Tecnologia
Relaciona-mento Pro-fessor X Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Preparador do ambiente. Facilitador, motivador. Identifica os mais relevantes e eficientes processos intelectuais através dos quais a aprendizagem ocorre. 	<ul style="list-style-type: none"> - O foco está menos no aluno ou mesmo em seu relacionamento. - Desligado da individualidade do educando.
Função da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Mecanismo imparcial de desenvolvimento de aptidões - Aprendizagem dinâmica para o aluno solucionar problemas - Provê estrutura para o desenvolvimento dos processos intelectuais 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar o material em função de objetivos bem identificados. - Avaliar resultados - Desenvolvimento de um sistema livre de valores.
Processo	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvido em função do desenvolvimento do aluno - Concepção de escolarização aberta, orientada para o crescimento - Desenvolvimento de habilidades intelectuais e mentais 	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de materiais - Meio para produzir qualquer fim.
Material didático	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas, sondagem - O material deve conduzir o aluno no desenvolvimento do processo 	<ul style="list-style-type: none"> - Material instrucional seria básico - Não faz ou pouca referência ao conteúdo - Relaciona-se com o desenvolvimento da tecnologia da instrução.

<p>Concepções de Currículo</p> <p>Operacionalização</p>	<p>Desenvolvimento de Processos cognitivos</p>	<p>Currículo como Tecnologia</p>
<p>Papel do Professor</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar o aluno para uma espécie de autonomia intelectual para fazer suas próprias seleções e interpretação de situações - Identificar os mais relevantes e eficientes processos intelectuais através dos quais a aprendizagem ocorre. 	<ul style="list-style-type: none"> - Repousa na organização de materiais algum tempo antes de os alunos chegar a sala de aula. - Facilitar a aprendizagem através da operacionalização da ação. - Linguagem concisa, objetiva.
<p>Tempo de Aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Está relacionada a compreensão de processos pelos quais a aprendizagem ocorre na sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo necessário para aprender - Aprendizagem ocorre em certas situações sistemáticas e preditíveis.

Concepções de Currículo Operacionalização	Currículo para auto-atualização ou como experiência consumatória	Currículo para relevância e reconstrução social
Objetivos da Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Voltado para o provimento de experiências consumatórias - Formulados em termos de processos pessoais dinâmicos - Questiona as necessidades do indivíduo - Variável de acordo com cada aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Focalizados nos problemas que a sociedade apresenta - Desenvolve melhores níveis de relacionamento do grupo - Pressiona necessidades sociais sobre individuais - Relativos a extensão do programa.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Depende do aprendizado de cada aluno - Em função da necessidade do aluno, flexível - Centrado no aluno, orientado para autonomia e crescimento - Preocupação mais no que é ensinado na escola - É experiência presente - Visto como um fim em si mesmo - Viável através das tarefas evolutivas 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupa-se mais com a lógica na sua sequenciação - Decorre em função dos problemas identificados. - Dá-se ênfase ao papel da educação e do conteúdo curricular para o contexto social. - Envolve adaptação e reconstrucionismo - Baseia-se na necessidade da sociedade.
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Elemento interativo, adaptativo e ativo fazendo suas próprias seleções visando seu desenvolvimento integral. - Controla seu aprendizado - Deve descobrir coisas por si - Centro do processo ensino/aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparado para a mudança social permanente e em qualquer contexto - Vai ser preparado em função da sociedade - Visto dentro das necessidades sociais e não individuais
Relacionamento Professor X Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Enfatiza o crescimento pessoal - Provê tanto conteúdo como ferramentas para mais ampla auto descoberta. 	<ul style="list-style-type: none"> - O desenvolvimento individual e a qualidade do contexto social são interdependentes.

Concepções de Currículo Operacionalização	Currículo para auto-atualização ou como experiência consumatória	Currículo para relevância e reconstrução social
Função da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Oferecer oportunidades de experiência para o aluno se realizar - Dar experiência vital e potencialmente enriquecedora por si mesma - Prover experiência integrada. 	<ul style="list-style-type: none"> - É um agente social, agente de mudança. - Ser a ponte entre o real e o ideal - Mudar valores, instrumento de implementação de valores.
Processo Material Didático	<ul style="list-style-type: none"> - Processo consumatório que provê os meios para liberação e desenvolvimento pessoal - Processo divergente não se tem base no que vai acontecer. - É variadíssimo - Permite ao aluno se realizar - É oneroso na medida em que leva o aluno a se estimular 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento de problemas para possíveis soluções - Escola e educação são básicas para que a sociedade possa se modificar a si mesma. - Material extraído do cotidiano - Os mais variados: visitas, excursão, propaganda.
Papel do Professor	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular o processo liberador provendo experiência integrada 	<ul style="list-style-type: none"> - Tornar o indivíduo mais apto a desenvolver-se continuamente de forma a funcionar em um mundo que muda rapidamente.
Tempo de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo cronológico com relativa importância - O tempo é variável - É importante na medida em que o interesse é mantido 	<ul style="list-style-type: none"> - É relativo. - É o tempo que a programação precisa para ser desenvolvido os objetivos

Concepções de Currículo Operacionali- zação	Racionalismo acadêmico
Objetivos da Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Disciplinação da mente através do conhecimento das principais obras - Enfatiza as disciplinas clássicas através das quais o homem investiga - Rígido em função do ensino - Ignora as necessidades individuais - Focaliza a aprendizagem dentro de uma seqüência lógica.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupa-se mais com a lógica na sua sequenciação - Conteúdo das disciplinas clássicas - Menos ênfase nas ciências exatas - Habilita o educando na aquisição de ferramentas necessárias para participar da tradição e herança cultural
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Recebe passivo - Receptor da tradição e herança cultural
Relacionamen- to Professor X Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Tornar o aluno apto a ler e compreender aqueles trabalhos que as grandes disciplinas produzem.
Função da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - É disciplinadora da mente do indivíduo. - Função de transmitir a cultura em sentido o mais específico
Processo	<ul style="list-style-type: none"> - Basicamente é a habilitação do jovem na aquisição de ferramentas para participar da tradição cultural
Material Didático	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de obras clássicas - São materiais instrucionais.

Concepções de Currículo	Racionalismo Acadêmico
Operacionalização	
Papel do Professor	- Cultivar o intelecto da criança fornecendo oportunidades de adquirir os mais poderosos produtos da inteligência humana
Tempo de Aprendizagem	- Em função do ensino/aprendizagem.

Quadro 3

ENFOQUE CURRICULAR DESTACANDO OS ASPECTOS
RELEVANTES PARA A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Concepções de Currículo Aspectos relevantes p/O.E.	Desenvolvimento de Processos Cognitivos	Currículo como Tecnologia
Funções do Professor	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular processos intelectuais; - Desenvolver conjunto de habilidades cognitivas aplicadas a aprendizagem; - Identificar os mais relevantes e eficientes processos intelectuais; - Desenvolver uma espécie de autonomia intelectual; - Interferir como dinamizador motivador 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensinar a fazer; - Preparar o ambiente; - Encontrar meios adequados para atingir o conjunto de fins pré-definidos; - Comunicar conhecimentos; - Falar linguagem de produção; - Avaliar resultados; - Apresentar linguagem concisa e objetiva.
O que se espera do aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Através do desenvolvimento de uma autonomia intelectual seja capaz de fazer suas próprias seleções e interpretações de situações. - Seja elemento interativo e adaptativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que aprenda a fazer - Vai validar a função instrucional preparada. - Seja mero receptor de instruções. - É elemento de laboratório.
Como é o currículo	<ul style="list-style-type: none"> - Concepção de escolarização aberta e orientada para o crescimento. - Prevê estrutura para o desenvolvimento dos processos intelectuais através dos quais a aprendizagem ocorre. - Considera a estrutura mental do aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Abordagem que se focaliza no processo - Visto como linguagem de produção. - É um meio para produzir qualquer fim que um moderno industrial de sistema de ensino pode gerar. - A aprendizagem envolve estímulos e reforços. - Apresenta certas situações sistemáticas e predictíveis.

<p>Concepções de Currículo</p> <p>Aspectos relevantes para O. E.</p>	<p>Desenvolvimento de Processos Cognitivos</p>	<p>Currículo como Tecnologia</p>
<p>Envolvimento dos Pais no processo ensino/aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dar condições que possibilitem o engajamento do educando no desenvolvimento das habilidades cognitivas; - Interfere no processo como criador de possibilidades básicas para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interfere através da aquisição de meios que possibilitem a operacionalização da ação
<p>Ação do Orientador</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Buscar apoiar e desenvolver conhecimentos que possibilitem maior aprimoramento intelectual 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar suporte para uma aprendizagem onde o educando seja visto também como pessoa que tem liberdade, vontade e não mero instrumento receptor.

<p>Concepções de Currículo</p> <p>Aspectos relevantes para O. E.</p>	<p>Currículo para auto-atualização</p>	<p>Reconstrução Social</p>
<p>Funções do Professor</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Orientar o aluno para autonomia e crescimento; - Formular objetivos em termos de processos pessoais dinâmicos; - Atender as diferenças individuais que motivam a presença do aluno na Escola; - Adequar as estratégias instrucionais a cada caso; - Enriquecer e individualizar as experiências; - Fomentar a criatividade; - Facilitar a aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar uma orientação para o presente e para o futuro; - Propiciar equipamentos para lidar com a mudança; - Mudar valores, instrumento de implementação de valores; - Desenvolver melhores níveis de relacionamento; - Extrair material para dinamização do processo ensino/aprendizagem de situações do cotidiano.
<p>O que se espera do aluno</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Seja capaz de descobrir coisas por si mesmo. - Um elemento ativo, imperativo, adaptativo a si. - Construa seu próprio aprendizado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que se torne mais apto a desenvolver-se continuamente acompanhando e mesmo antecipando-se as mudanças sociais. - Que intervenha na reconstrução de mudanças. - Que seja reagente, ponto entre o real e o ideal. - Seja elemento ativo participante; - Adquirir atitudes sociais.
<p>Ação do Orientador</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Favorece a liberação dessa força interna - processo de vir a ser 	<ul style="list-style-type: none"> - Visa modificações no ambiente objetivando modificar o indivíduo.

<p>Concepções de Currículo</p> <p>Aspectos relevantes para O. E.</p>	<p>Currículo para auto-atualização</p>	<p>Reconstrução Social</p>
<p>Como é o currículo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Provedor de experiências pessoalmente satisfatórias. Centrado no aluno. - Concepção de escolaridade vista como experiência vital. - Visto como um fim em si mesmo. - Parte do diagnóstico da realidade. - Explora a situação da própria comunidade ajudando-a a desenvolver-se - Atende o aspecto individual 	<ul style="list-style-type: none"> - Prevê mudanças constantes na sociedade e reconhece a interdependência entre o desenvolvimento individual e a qualidade do contexto social. - Defende o papel da Escola e da Educação como básico para a Sociedade modificar-se a si mesma. - Admite uma interpretação adaptativa e reformista da relevância social. - Envolve adaptação e reconstrucionismo. - Baseia-se na necessidade da sociedade. - Examina a educação em termos de seu relacionamento.
<p>Envolvimento dos pais no processo ensino/aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar o auto-desenvolvimento do aluno; - Permitir a liberdade de expressão; - Dar condições para o desenvolvimento da capacidade de escolha racional e consciente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aproveitamento das potencialidades sociais. - Preparo do aluno para as mudanças sociais. - Facilitar o desenvolvimento do indivíduo de forma contínua permitindo sua participação em um mundo que muda rapidamente. - Estimuladores de situações previamente desejadas.

<p>Concepções de Currículo</p> <p>Aspectos relevantes para O. E.</p>	<p>Racionalismo Acadêmico</p>
<p>Funções do Professor</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Transmitir a cultura em sentido o mais específico. - Cultivar o intelecto da criança para aquisição de ferramentas a fim de participar da tradição cultural. - Disciplinador da mente - Ignorar as necessidades individuais do educando.
<p>O que se espera do aluno</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capaz de ler e compreender aqueles trabalhos que as grandes disciplinas produziam. - Seja elemento passivo, mero receptor de conhecimentos. - Seja habilitado na aquisição de ferramentas necessárias para participar da tradição e herança cultural.
<p>Como é o currículo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Enfatiza as disciplinas clássicas através das quais o homem investiga - Dá menos ênfase nas ciências exatas. - Permite aproveitamento de disciplinas clássicas para a sequenciação da aprendizagem. - Rígido em função do ensino, preocupa-se mais com a lógica na sua sequenciação.
<p>Envolvimento dos pais no processo ensino/aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Colaborar no cultivo do intelecto da criança fornecendo oportunidades para seu maior aprimoramento intelectual. - Interferir no processo ensino/aprendizagem somente no sentido de buscar o melhor para o educando.
<p>Ação do Orientador</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Propiciar o florescimento e desenvolvimento das possibilidades latentes do indivíduo.

3. HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL.

3.1. Histórico.

A Orientação sempre existiu.

Não a Orientação de caráter científico, sistemático mas, na forma empírica.

Esteve presente nos conselhos dos mais velhos, na advertência religiosa dos feiticeiros das tribos, dos oráculos gregos, rabinos, sacerdotes, nas várias sociedades do passado.

Sentindo a agressividade do meio ambiente, em busca da sua sobrevivência o homem primitivo busca ajudar-se mutuamente. É uma orientação voltada para o auxílio recíproco.

Na Grécia, Platão lembra a necessidade do homem ocupar um lugar adequado na sociedade através de um sistema de educação, onde a seleção deste seria feita considerando-se o nível intelectual de cada um. Este seria o parâmetro para caracterizar a posição e desempenho de papéis na sociedade.

Caberia ao professor fazer o aconselhamento desses indivíduos. Ele seria o encarregado do exercício dessa função orientadora.

Tudo deveria girar em torno do desempenho escolar, verdadeiro suporte para a classificação social segundo a qual os indivíduos mais brilhantes seriam os destinados aos futuros postos de direção na sociedade.

Nesta mesma linha de pensamento surge a figura de Carlos Magno admitindo a existência de seres mais capazes intelectualmente e destinados a exercer funções de liderança na sociedade.

Para atuar nesta forma de orientação acadêmica e vocacional, os mais indicados seriam os párocos. A eles caberia a seleção dos jovens conforme suas capacidades.

Já no final do século XIX a Educação sofre influência de grande número de eventos tornando-se bem mais complexa.

A industrialização, a demanda de mão-de-obra especializada passa a agir sobre o indivíduo com maior pressão.

A percepção desta realidade implica no reconhecimento da importância da necessidade do trabalho de Orientação Educacional. O indivíduo passa a ser visto em sua totalidade, de forma global. Conhecer e reconhecer tal verdade dá uma conotação ainda maior ao significado da educação, ou seja, torna-a mais ajustada às necessidades do indivíduo e em decorrência mais eficiente. *"A orientação formal, como um campo independente de atividade profissional, desenvolveu-se no século XX".⁹*

Em torno desta época acontece uma ampliação natural no campo da Orientação Educacional dada a necessidade de assistir o educando em seu desenvolvimento pleno.

Desta maneira, o mesmo passa a ser visto como um ser com potencialidades e limitações que precisam ser reconhecidas e trabalhadas. Lembrando Oswaldo de Barros Santos, *"a execução sistemática da Orientação Educacional é atribuída a Frank Parsons, nos Estados Unidos. Aí surgem os primeiros serviços de orientação"*¹⁰

Este movimento iniciou-se primeiramente na área da orientação profissional. Tinha por finalidade "*orientar os estudantes para uma adequada escolha de trabalho*"¹¹, porém a insegurança, as dificuldades próprias de cada indivíduo tornam a ação mais abrangente, mais completa e mais complexa, portanto.

A maior preocupação era com a análise de profissões e em diagnosticar as aptidões individuais. Estas idéias coincidiram ou foram reflexo do movimento de medidas mentais, com os trabalhos de Binet, na França.

Outro fato interessante a ser ressaltado era o de que Parsons nos seus trabalhos buscava suplementar a ação escolar carregada de um formalismo didático excessivo dando aos adolescentes oportunidades e expressão individual e de serem aproveitados na medida de suas capacidades.

O estabelecimento da orientação formal nos Estados Unidos se deve entre outros fatores ao:

- advento da 1.^a Grande Guerra;
- crise econômica de 1930;
- industrialização e diversificação de ocupações;
- imigração de variada procedência;
- guerra civil;
- depressão e crise;
- movimento de saúde mental.

Conforme Gemelli "*o primeiro centro de orientação profissional foi criado em 1902, em Mônica da Baviera, por iniciativa conjunta de autoridades, trabalhadores de indústrias e de professores*"¹²

E, só em 1908 apareceria, nos Estados Unidos o primeiro serviço criado por Parsons, mais ou menos na mesma época, ou-

tros países criaram também escritórios ou serviços informativos.

Na América Latina, o movimento de orientação é novo e no Brasil poucas são as pesquisas e mesmo as teorias a respeito do problema.

3.2. Aspectos filosóficos da Orientação Educacional.

Poucos são os artigos e livros referentes aos aspectos filosóficos da orientação.

Observa-se, entretanto, que a partir do momento em que foi considerada como um campo formal de atividade, *"as tendências da literatura de orientação de cunho filosófico podem ser classificadas em dez categorias"*¹³

1. conseguir aceitação como um campo de atividade profissional;
2. delimitar seu âmbito de ação;
3. desenvolver escolas de pensamento;
4. tentar reconciliar as escolas de pensamento buscando nelas elementos comuns;
5. tentar formular códigos de ética em uma preocupação com questões de relacionamento do homem com seus semelhantes;
6. considerar a natureza do homem e suas implicações para a orientação;
7. aceitar a fenomenologia e/ou teoria de campo como modelo físico para orientação;
8. comparar o posicionamento dos principais autores em orientação com as escolas de filosofia geral e filosofia da educação existentes;

9. examinar os principais problemas ou dilemas em orientação à luz das escolas ou posições existentes;

10. compreender a necessidade de ordenar os aspectos filosóficos da orientação, para que essa seja capaz de enfrentar os novos desafios em que se encontra envolvida.

WILLIAMSON, citado por BECK, afirmou "*a orientação e os serviços de assistência pessoal surgiram de problemas concretos e não dedutivamente a partir de um sistema filosófico*".¹⁴

Para Carlton E. Beck¹⁵, orientação pode ser dividida em cinco períodos de desenvolvimento:

1. *Etapa amorfa* — sentindo a necessidade de trabalhar juntos para o bem-estar comum os homens perceberam que pedir e dar conselhos os beneficiava.

Este estado de orientação durou até o fim do século XIX. O conselho era dado a alguém em dificuldade. O pressuposto básico era de que o homem nem sempre poderia ver claramente seus próprios problemas.

Boa parte da orientação ou de conselho vinha de fontes religiosas: os feiticeiros das tribos, oráculos gregos, rabinos, sacerdotes, ministros e outros.

Até o advento da mecanização e dos problemas urbanos, os religiosos eram considerados os mais adequados para resolver os problemas dos indivíduos.

2. *Etapa prescritiva* — teve início com Freud. Suas teorias e as práticas surgiram e se construíram a partir das semiverdades do passado. Por exemplo, o processo chamado trepanação (liberação cirúrgica de demônios do interior da cabeça) e o conceito de catarse de Freud que visava liberar o sujeito de pressões, fazendo sair verbalmente as dificuldades.

Outro fato a ser considerado é o ambiente sócio-cultural desta época (1940): uma guerra mundial, a grande depressão econômica. Muitas pessoas procurando auxílio para enfrentar os problemas pessoais, assim como problemas intergrupais e interculturais.

Esta busca de ajuda ia desde a escolha e ajustamento vocacional até as dificuldades conjugais e mesmo outras situações, das mais diversas.

Desta forma parece que o método ouvir-prescrever era o utilizado sem ser o mais efetivo.

O fim último da orientação era ajudar as pessoas a viverem plenamente e em decorrência serem mais produtivas.

Nos últimos anos da etapa prescritiva vê-se uma orientação voltada para a pesquisa.

E na literatura atual percebe-se um indivíduo orientado no sentido de tomar suas próprias decisões.

3. *Etapa não-diretiva* — é a escola centrada no cliente. Com ela vemos significativas mudanças no pensamento dos orientadores. Esta nova ênfase se constitui em poderosa força de evolução da prática da orientação.

Carl R. Rogers foi a figura mais significativa. Resalta a potencialidade do ser humano em resolver seus próprios problemas.

4. *Etapa fenomenológica* — no século XX uma concepção fenomenológica passa a servir como fonte de referência à Orientação Educacional.

Isto não significa que todos os teóricos da Orientação Educacional se filiem à fenomenologia. Os que se filiaram escolheram o modelo apresentado por Snygg e Combs, ou seja, a

escolha não ocorre.

É uma palavra sem sentido pois o comportamento é determinado e sendo assim o homem não pode fazer outra coisa. O livre arbítrio é um engodo, uma ilusão. Todo comportamento está sujeito a leis.

5. *Etapa da Daseinanalyse* — este foi o movimento europeu dentro da terapia.

As obras de alguns terapeutas da Daseinanalyse são, para a orientação, o que as obras de Pestalozzi foram para a educação. A Daseinanalyse é uma maneira de considerar a condição humana que é reconhecível por todo orientador ao nível dos sentimentos. Procura sentir com o cliente.

É chamada às vezes de análise existencial, supõe algo mais que a empatia. Excede os limites de tentar simplesmente compreender o outro: como posso experimentar com ele o que está acontecendo, de maneira que eu possa compreender melhor seus significados, seus valores e suas escolhas.

A teoria da Daseinanalyse surgiu da filosofia existencialista e se preocupa com o estilo de vida, as idéias sobre a vida e a morte, a escolha de palavras e todos os aspectos da relação com a vida.

Conforme pudemos sentir a Orientação Educacional tem suas atividades "*dirigidas por pressupostos filosóficos variáveis com o contexto histórico e, praticamente, ditados pelo contexto social*".¹⁶

O tempo e as características do sistema socializante são as variáveis que determinam a linha filosófica da Orientação.

Na Orientação moderna há uma tentativa do homem para

descobrir as verdades sobre si mesmo, acerca do seu mundo e de seus valores.

3.3. Origem da Orientação no Brasil.

No Brasil, a orientação propriamente dita surgiu "*no terreno restrito da orientação profissional*".¹⁷

É na década de vinte, marcada por inúmeras agitações oriundas da situação econômica do país que surge a Orientação Educacional.

Nossa política econômica na época era de produção e do comércio do café. Fala-se em civismo, heroísmo, instrumentação militar, propagação da educação popular e profissional.

Os primeiros trabalhos tiveram início no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo com o engenheiro suíço Roberto Mange.

Tinha por finalidade a seleção e orientação profissional de jovens alunos do curso de mecânica.

Porém, o primeiro serviço público de Orientação Educacional e Profissional somente apareceu em 1931, no Estado de São Paulo, desta feita sob a responsabilidade do notável educador Professor Lourenço Filho, então Diretor do Departamento de Educação. Este serviço foi interrompido em 1932 e reiniciado no mesmo ano por Fernando de Azevedo para ser definitivamente extinto em 1935.

Tinha por prioridade guiar a jovem na escolha de um lugar na sociedade através da profissão. Foi uma tentativa de implantar a Orientação Educacional seguindo modelos americanos e europeus. Toda a atuação do Orientador se fazia utilizando baterias e testes de aptidão e de desempenho na realização de ta-

refas.

O papel da Orientação Educacional baseado num referencial psicológico seria o de desvendar as aptidões que o indivíduo possui naturalmente, independente de sua condição social. Na Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942 é feito pela primeira vez, referência à Orientação Educacional. Fica assim instituído o serviço de Orientação tendo por finalidade corrigir e encaminhar os alunos considerados problemas e facilitar a escolha profissional, trabalho este em cooperação com a família.

Percebe-se então um papel adaptador à sociedade: preservação do particular em detrimento do público.

Tal é a defasagem entre o que é de direito e o que existe de fato que nesta época não existia no país profissionais formados em Orientação Educacional. O primeiro curso a surgir foi em 1945, na PUC de Campinas, no Estado de São Paulo e o primeiro registro de orientador educacional solicitado ao MEC se deu em abril de 1960.

A LDBEN (1961) faz referência à criação da orientação educacional e vocacional em cooperação com a família. Esta lei enfatiza o atendimento das aptidões propondo a individualização do ensino.

É uma tentativa no sentido de atender às chamadas diferenças individuais.

Em 1968 surge a Lei 5.564 que trata sobre o exercício da profissão do orientador e deixa claro também a linha psicológica e a função preventiva da mesma.

Nesta fase a ação do orientador se torna mais abrangente buscando o desenvolvimento integral do educando.

Com o advento da Lei 5692/71, a meta passa a ser a qualificação para o trabalho buscando o sentido de terminalidade no 2º grau. Desta vez o objetivo é atender à economia nacional na sua procura de profissionais qualificados.

É a busca de suprir a necessidade da preparação da mão-de-obra compatível com as necessidades da indústria. Esta lei instituiu a habilitação profissional no 2º grau, a iniciação para o trabalho e a sondagem de aptidões no 1º grau.

Assim a orientação educacional passa a existir de direito em todas as escolas e, o papel do orientador educacional será o de realizar a orientação vocacional em ação conjunta com a família e a comunidade.

Mas, no final da década de 70 os próprios Orientadores Educacionais insatisfeitos com o papel que estavam desempenhando buscam uma nova forma de atuação. Buscam encontrar novos caminhos. Há uma preocupação em repensar a prática da orientação.

Em certos momentos essa prática acontece de forma conservadora, na medida em que busca simplesmente o ajustamento do aluno à escola e em decorrência à sociedade; em outros é modernizador, na medida em que o desenvolvimento econômico passa a ser a meta almejada (formação de mão-de-obra qualificada).

Atualmente no Brasil a orientação pode ser encontrada:

- escolas estaduais, municipais, particulares e federais;

- instituições tais como: SENAI e SENAC;

- cursos para formação de orientadores nas várias faculdades existentes no país;

- publicações, congressos, simpósios, seminários reali-

zados em diversas cidades brasileiras visando a constante atualização do Orientador Educacional.

Concluindo é importante acrescentar ainda que numa evolução histórica a Orientação caracterizou-se nos seus três tipos de atuação: *no campo profissional**, voltada mais para o ajustamento do indivíduo às características de uma sociedade industrial; *no campo da prevenção**, busca atuar junto ao educando no sentido de alertá-lo sobre os males sociais.

Desta forma se o meio está por exemplo invadido pelo danoso uso e tráfico de drogas, os programas de orientação devem estar voltados para um maior esclarecimento possível da juventude sobre esta poderosa armadilha, este vício desumano alimentado muitas vezes por modismos, fins econômicos, interesses outros; *no campo desenvolvimentista** ou seja, procura ajudar os indivíduos a se desenvolverem integralmente.

Busca levar o ser humano à compreensão do outro em todas as suas fases evolutivas.

**Grifos da elaboradora.*

4. LINHAS, FUNÇÕES E OS PRINCÍPIOS DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL.

Diacrônica e sincronicamente os programas desenvolvidos em Orientação Educacional no Brasil nos últimos anos podem ser vistos levando-se em consideração três grandes linhas:

1. *orientação como tratamento terapêutico* — preocupada em ajudar os envolvidos em situações problemáticas específicas tais como desvios de comportamento, incapacidade de rendimento escolar, e outros;

2. *orientação preocupada com a prevenção dos desajustes* — assim de uma forma corretiva passou a ser mais preventiva na medida em que trabalha com os problemas de comportamento e desajustamento de um modo geral;

3. *orientação voltada para o desenvolvimento integral da pessoa e com as realizações tanto escolar como extra-escolar* — as mudanças nos conceitos de Orientação Educacional são oriundas da ênfase colocada em certos aspectos da orientação, por alguns movimentos dentro do campo da orientação.

Segundo Eny Marisa Maia¹⁸, duas são as funções consideradas básicas no trabalho do orientador: a função de assessoria e a de monitoria.

Como trabalho de monitoria a ação é feita de modo direto e individualizado. É uma atuação centrada no próprio aluno. Aqui, o Orientador na sua atuação, entre outras ativida-

des:

- realiza sessões coletivas de orientação sobre os mais variados assuntos sempre tendo em vista o desenvolvimento bio-
-psico-social do educando;

- trabalha os alunos com problemas de comportamento (roubo, indisciplina, entre outros);

- conduz o educando no sentido de refletir sobre suas possibilidades e limitações;

- faz aconselhamento individual ou em grupo com a finalidade de uma opção profissional adequada. Por outro lado, através da função de assessoria sua atuação se faz como se fora um especialista psicopedagógico, isto é, direciona e controla as interferências que outros agentes educativos desenvolvem no sentido da modificação comportamental.

Algumas situações da atuação do orientador com assessoria:

- participa de reuniões com a equipe técnica-administrativa para garantir a unidade de ação pedagógica;

- discute com a direção e equipe técnica a orientação disciplinar da escola;

- promove o entrosamento: Escola/Família/Comunidade;

- realiza reuniões com os professores com a finalidade de discutir os problemas comuns de cada classe.

Apresentada a possibilidade da ocorrência destas duas funções da orientação no contexto escolar faz-se importante comentar quais os princípios que estão a nortear os trabalhos dos Orientadores Educacionais:

1. a orientação educacional é um processo dinâmico, contínuo, sistemático e integrado em todo o currículo escolar.

Para que de fato aconteça faz-se necessário a interligação das atividades da orientação com as demais áreas e atividades do currículo.

2. A Orientação Educacional é um processo cooperativo e integrado em que todos os educadores em especial o professor, assumem papel ativo e de relevância.

Depende da cooperação de outros elementos quer sejam da escola, da família, do local de trabalho e mesmo da comunidade.

Deve ser um trabalho de cooperação, compreensão e respeito mútuo.

3. A Orientação Educacional vê o aluno como um ser global que deve desenvolver-se harmoniosa e equilibradamente em todos os aspectos físico, mental, emocional, social, moral, estético, político, educacional e vocacional.

A orientação faz parte do ato educativo, busca a identificação dos valores do aluno, é de feição preventivo.

4. A Orientação Educacional é um processo de assistência direta ou indireta a todos os educandos, indistintamente, visando desenvolvimento integral e harmonioso.

Para a concretização deste princípio deverá existir objetivos voltados para todos os alunos, estratégias de caráter preventivo e desenvolvimentista, de atendimento em pequenos grupos e em sessões coletivas de orientação.

5. A Orientação Educacional procura antes de tudo promover situações e condições que favoreçam o desenvolvimento do educando e prevenir situações de dificuldade e não se estabelecer como recurso de remediação de problemas já criados.

Para que isso seja possível é necessário um clima educacional adequado que favoreça o desenvolvimento de habilidades

e atitudes adequadas a um maior crescimento pessoal.

O próprio desenvolvimento da Orientação Educacional, sua função e princípios, a reflexão leva a uma visão mais crítica, mais coerente com todo o contexto escolar. É a atuação *integrada ao currículo* no sentido de ser bem mais relevante e significativa para o aluno.

Considerada as limitações sempre presentes ao trabalho do Orientador sob tal enfoque é possível a facilitação do desenvolvimento e mesmo a realização de uma orientação preventiva que busca atingir através desta forma indireta de atuação a maioria dos alunos.

5. A REALIDADE EDUCACIONAL DO MUNDO DE HOJE E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL.

Educar é criar condições oportunizadoras do crescimento do indivíduo.

É transformar expectativas em realizações. É possibilitar a realização do ser humano no mundo no qual vive.

A característica desta época são as rápidas mudanças. Esta mudança está presente no avanço da ciência, no progresso generalizado. Transformações sociais rápidas e profundas atingiram a humanidade, refletindo-se sobre a Escola.

E a educação passa a se constituir em um dos recursos de integração do homem a um mundo em mudança.

A crise do mercado de trabalho, a eminência de uma guerra nuclear, a crise do petróleo, a poluição, o uso abusivo dos agrotóxicos, a fome no mundo, tudo gera no indivíduo uma carga emocional negativa muito forte, a ponto de levá-lo a se questionar sobre suas perspectivas futuras.

Desta forma, o processo educativo torna-se cada vez mais complexo. Grandes mudanças sociais representam desafios ao educador. Há necessidade de que a Escola ainda tão impregnada de um formalismo acadêmico redefina seu próprio papel dentro do processo sócio-econômico em evolução a fim de poder atingir seus objetivos básicos e reais. O reconhecimento da rapidez da transformação social e da necessidade de as pessoas estarem preparadas para aceitar e participar da mudança, implica no

preparo do aluno para a própria realidade da mudança, isto é, onde o errar ou acertar é um risco eminente e que os prós e os contras devem sempre ser considerados criticamente.

Contudo, opções implicam em alternativas e a complexidade da vida moderna oferece ao indivíduo um leque de escolhas imenso e variado mas, a liberdade da escolha, do fazer a opção, também cria no indivíduo uma certa insegurança, um estado de angústia.

Sob tal prisma a educação passa a ser considerada como um processo capaz de prover meios para a liberação e desenvolvimento pessoal.

Uma de suas funções é dar condições para o desenvolvimento da capacidade do indivíduo fazer escolhas.

Em assim sendo educação e orientação caminham juntas pois ambas compartilham do mesmo propósito, ou seja, o desenvolvimento do ser humano integral.

Embora a orientação não se confunda com Educação é um aspecto do processo educacional pois mantém com este uma identidade de fins.

A Orientação Educacional fundamenta-se no princípio democrático de que é direito e dever de todo indivíduo escolher seu próprio caminho na medida em que sua escolha não interfira nos direitos do outro. É uma assistência prestada aos indivíduos no sentido de adaptações e escolhas inteligentes e o papel do orientador será o de orientar sem direcionar buscando uma neutralidade real na sua forma de atuar, evitando projetar sobre o outro a sua concepção de mundo, os seus valores.

Em atividade conjunta com o orientando levanta soluções-alternativas, discute os prós e os contras da tomada de decisão.

A necessidade da Orientação Educacional não se faz presente apenas nas situações-problemas mas, ela é universal. "É necessária não somente em situações de crise"¹⁹ Mas, em qualquer faixa etária, não estando condicionada a determinados períodos da vida humana.

Muitas vezes a indecisão ocorre não apenas no terreno escolar mas no familiar. Em outro momento quando a decisão acontece pode vir por formas de comportamento socialmente inaceitáveis comprometendo o equilíbrio psicológico do indivíduo ou de outros envolvidos na situação.

Muitas são as situações que justificam a necessidade da Orientação.

JONES, citado por SANTOS²⁰, diz que as alterações da estrutura social que tornam indispensável a Orientação dentro do nosso sistema educacional são:

a) *alterações na vida familiar:*

- com o passar do tempo menos oportunidade tem os pais para orientar os filhos. A concorrência do cinema, da televisão, dos clubes e associações, das escolas, a falta de atividade doméstica tendem a diminuir a importância do lar na educação e no encaminhamento dos jovens.

Conseqüência: educando confuso, desorientado.

b) *alterações nas condições de trabalho:*

- a divisão crescente do trabalho, as especializações profissionais, a diversidade de ocupações, a rápida evolução das técnicas de trabalho criando problemas de escolha, de ensino, treinamento e exercício profissional.

Conseqüência: escolha incerta, imatura.

c) *alterações na vida escolar:*

- a escola procura acompanhar a evolução social, mas não o faz no tempo certo. A população aumenta e o fenômeno da democratização da cultura vai tomando corpo.

Conseqüência: educando se desorienta no meio desse torvelhinho de situações instáveis;

d) *alterações populacionais:*

- o aumento da população é seguido de um maior confinamento nacional ou regional. As comunicações superam as distâncias e os povos se aproximam mais entre si. Surge as migrações.

Conseqüência: necessidade da conscientização do educando quanto à realidade da sua vida pessoal e social.

A orientação não pretende criar indivíduos dependentes, sem iniciativa.

Antes, deseja desenvolver a capacidade de optar racionalmente com maior independência buscando sempre a auto-realização.

Educação e Orientação buscam o desenvolvimento das potencialidades do educando visando formar o cidadão ajustado, responsável e produtivo.

A ação integrada e globalizante passa a ser vista como uma valiosa alternativa que possibilita a realização da verdadeira tarefa educativa.

6. RECURSOS OPERATIVOS EM ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL — ORIENTAÇÃO EM GRUPO.

6.1. Conceituação de grupo.

Grupo é mais que uma simples aglomeração de pessoas.

O conceito de grupo não é muito antigo. O vocábulo consta dos dicionários das línguas de origem latina, apenas a partir do século XVII. O termo grupo é uma designação sociológica, conveniente para indicar a relação que se estabelece entre um número qualquer de pessoas grande ou pequeno, transitório ou permanente. O objetivo do trabalho em grupo é facilitar a inserção dinâmica e construtiva do indivíduo no grupo social. Todas as vezes que o indivíduo atua em grupo exercita sua sociabilidade.

6.2. Tipo de trabalho em grupo.

Para Maria Teresa F. Ribeiro²¹, das várias maneiras de trabalhar com grupos selecionam-se para efeito de estudo três formas:

- *psicoterapia de grupo*: campo de atuação do psicólogo, do psicoterapeuta. A clientela formada por pessoas em conflito que procuram tratamento psicológico. O conteúdo principal está ligado a eventos passados e atuais, fantasias e respectivas interpretações;

- *grupo de aconselhamento*: processo de interação grupal com o objetivo de facilitar a auto-compreensão, a auto-aceitação, a vivência e comportamentos. O pequeno grupo de aconselhamento existe basicamente para atender às necessidades individuais. É de grande importância na condução dos grupos de aconselhamento a atitude e habilidade do orientador.

Este deve ser um facilitador e sua preocupação a de prestar ajuda;

- *grupo de orientação*: refere-se a interação do orientador com um grupo de alunos através de discussões e debates.

6.3. Sessão de Orientação Educacional.

Dado a organização escolar a atividade de grupo mais indicado é o grupo de orientação também designado: sessão de orientação, sessão de grupo, sessão coletiva, sessão de classe. A sessão de orientação é um recurso operativo deveras importante do qual se vale o Orientador Educacional a fim de manter contatos sistemáticos com os educandos.

Nas sessões de orientação em grupo, o Orientador Educacional aborda temas que focalizam problemas existenciais dos adolescentes, discute dúvidas por eles formuladas e auxilia-os através da reflexão objetiva, a tomarem posições conscientes e responsáveis diante das ocasiões de opções que a vida lhes oferece^{2,2}

Bem planejada e executada dá excelentes resultados. Tem uma conotação ao mesmo tempo preventiva e desenvolvimentista na medida em que favorece trabalhar com um universo bem maior de alunos. É uma atividade que possibilita acompanhar o aluno

no seu processo de aprendizagem e amadurecimento emocional além de contribuir para com ele se conheça em maior profundidade e em decorrência melhore sua capacidade de fazer escolhas e tomada de decisões. É seu objetivo facilitar o desenvolvimento positivo e integrado do indivíduo em maturação. Estudos de Psicologia Social tem mostrado a importância do grupo como meio para o amadurecimento pessoal pelo confronto de sentimentos e idéias, pela troca de experiências, pela vivência do conflito e da solidariedade. Conforme Schmidt²³, a sessão de orientação tem por finalidade o desenvolvimento de cada aluno no grupo e no enriquecimento do grupo como um todo. Favorece a expressão espontânea e franca dos alunos.

É também uma atividade de higiene mental tendo ação terapêutica dada as oportunidades de relaxamento. Os objetivos que determinam cada situação a ser trabalhada podem visar:

- manter contato com a totalidade dos alunos da Escola;
- assistir e acompanhar os orientandos nas situações-problemas;
- desenvolver o senso de responsabilidade;
- estimular o espírito de cooperação;
- criar o hábito do estudo;
- estimular os tímidos e desinteressados;
- esclarecer o encaminhamento profissional;
- conhecer melhor o relacionamento humano em geral.

Segundo Nêrici²⁴, "as sessões podem ser: iniciais quando voltadas para informação sobre funcionamento da Escola; de continuidade, quando dão continuidade a programação das sessões iniciais; de avaliação realizadas de tempos em tempos com a finalidade de obter subsídios para posterior melhora das atividades programadas"

Alguns procedimentos necessários à realização da sessão de Orientação Educacional.

Para um trabalho, permanente e sequencial é necessário seja observado o seguinte:

- roteiro prévio da atividade;
- nunca na última aula;
- não ultrapassar o limite do tempo previamente fixado evitando assim cansaço desnecessário;
- não ser substitutivo de aula;
- não ser improvisada sob pena de cair no descrédito dos alunos em geral;
- os temas previamente selecionados partindo em primeira instância do interesse e necessidade do aluno.

Comumente são trabalhados temas como: escola, profissões, lazer, relacionamento inter-pessoal, auto-imagem, namoro, vícios, cuidados pessoais;

- o orientador procura conhecer com detalhes o assunto a ser debatido;
- técnicas de grupo criativas e interessantes que envolvem todos os participantes;
- o grupo a ser trabalhado deverá ter um responsável que poderá ser o próprio orientador ou mesmo um professor assessorado pelo orientador;
- de preferência contato semanal visando continuidade;
- horário determinado no momento do planejamento do horário geral das atividades da Escola;
- número de turmas proporcional ao número de alunos;
- quantidade de alunos por turma não ultrapassar a mé-

dia de 25 a 30 alunos;

- todo trabalho desenvolvido nas sessões de orientação necessitam ser avaliados possibilitando assim a realimentação e aperfeiçoamento da atuação do orientador.

Outra preocupação a nortear os trabalhos é quanto a definição dos temas considerando os aspectos: horizontal e vertical. Segundo Maria Marli Piovesan²⁵ no aspecto horizontal ocorre uma seqüência de dados e informações, durante o decorrer do ano letivo em curso e no aspecto vertical cuidar para que haja um aprofundamento de dados e informações, no decorrer do ano letivo, em cada série e durante o curso.

Mas, para maior amplitude e eficácia de ação, reconhecimento e valorização, esta atividade precisa estar integrada ao currículo.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹TRALDI, Lady Lina. *Currículo: conceituação e implicações*. São Paulo, Atlas, 1977. p. 34.

²GARCIA, Consuelo de Menezes. Modelo de Currículo para habilitação de Professores de Estudos Sociais em Licenciatura curta, utilizando concepção de currículo como tecnologia. Curitiba, Convênio 24/78-MEC-INEP-UFP-SE, 1979. p. 27.

³GARCIA, Regina Leite. *Orientação educacional - Afinal o esquema serve?* São Paulo, CEDES, 1982. p. 34. (Centro de Estudos Educação e Sociedade, 6).

⁴REIS, Amadice Amaral dos. *Estrutura e funcionamento da escola de 1º grau: introdução à prática de ensino, estágio supervisionado*. Rio de Janeiro, 1975. p. 109.

⁵EISNER, Elliot & VALLANCE, Elizabeth. *Concepções conflitantes de currículo*. Berkeley, California, McCutchan Publishing Corporation, 1974.

⁶CHAGAS, Valmir. *Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus: antes; agora e depois?* São Paulo, Saraiva, 1982. p. 201.

⁷NEVES, Ilka & SIQUEIRA, Algair. *Nova dinâmica de orientação educacional*. Porto Alegre, Globo, 1979. p. 5.

⁸MAIA, Eny Marisa & GARCIA, Regina Leite. *Uma orientação educacional nova para uma nova escola*. São Paulo, Loyola, 1984. p. 48.

⁹BECK, Carlton E. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. Trad. de Wilma M. A. Penteado. São Paulo, EPU, 1977. p. 13.

¹⁰ SANTOS, Oswaldo de Barros. *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional*. São Paulo, Pioneira, 1973. p. 4.

¹¹ NÉRICI, Imídeo Guisepe. *Introdução à orientação educacional*. São Paulo, Atlas, 1983. p. 21.

¹² GEMELLI, Agostinho. *Orientação profissional*. Trad. de Dr. G. D. Leoni. Rio de Janeiro, Ibero-Americana, 1963. p. 20.

¹³ BECK, Carlton E. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. p. 39.

¹⁴ _____. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. p. 46.

¹⁵ _____. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. p. 58.

¹⁶ MARTINS, José do Prado. *Princípios e métodos de orientação educacional*. São Paulo, Atlas, 1984. p. 27.

¹⁷ SANTOS, Oswaldo de Barros. *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional*. p. 6.

¹⁸ MAIA, Eny Marisa & GARCIA, Regina Leite. *Uma orientação educacional nova para uma nova escola*. p. 28-9.

¹⁹ JONES, Arthur J. *Princípios de orientação educacional*. Trad. Mario Antonio de Lacerda Guerreiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977. p. 12.

²⁰ SANTOS, Oswaldo de Barros. *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional*. p. 11.

²¹ RIBEIRO, Maria Teresa A. V. et alii. *Orientação Educacional: uma experiência em desenvolvimento*. São Paulo, EPU, 1984. p. 55.

²² PIMENTEL, Maria da Glória & SIGRIST, Aurea C. *Orientação educacional*. São Paulo, Pioneira, 1974. p. 114.

²³SCHMIDT, Maria Junqueira & PEREIRA, Maria L. Souza. *O-rientação educacional*. Rio de Janeiro, Agir, 1975. p. 153.

²⁴NÉRICI, Imídeo Guisepe. *Introdução à orientação educacional*. p. 253.

²⁵PIOVESAN, Maria Marli et alii. *Sessões de orientação (coletânea)*. Curitiba, SEEC, p. 13.

Capítulo III

METODOLOGIA

A metodologia para esta pesquisa seguiu os seguintes passos:

1. PREPARAÇÃO
2. EXECUÇÃO
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. *PREPARAÇÃO* — nessa fase do trabalho buscou-se a fundamentação teórica que possibilitasse condições para a elaboração do instrumento a ser aplicado aos Professores e Especialistas em Educação, das Escolas de 1º Grau, de 5ª a 8ª série, da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

Fez-se assim revisão da literatura associada a currículo e Orientação Educacional de forma a usar recursos atualizados. A seguir procedeu-se a organização preliminar do questionário para coleta de informações.

Validação do instrumento — feita junto a alguns colegas de profissão e posterior troca de idéias com o Professor-Orientador e o Consultor desta pesquisa.

População alvo — são considerados sujeitos dessa pesquisa: os Diretores, Orientadores, Supervisores e Professores atuantes de 5ª a 8ª série, das Escolas Municipais de Curitiba.

ba (PR), em 1984.

Das 85 Escolas existentes na Rede Municipal de Ensino foram escolhidas 07 Escolas (Ver Quadro 1) por terem entre sua clientela, educandos no período da adolescência.

Foram respondentes da pesquisa: 04 Diretores; 07 Orientadores; 04 Supervisores e 85 Professores perfazendo um total de 100 pessoas.

2. EXECUÇÃO — de posse da forma definitiva do instrumento como procedimento metodológico procurou-se manter contato com o Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba a fim de obter autorização para visitar as Escolas e poder realizar o trabalho de campo. (ver Anexo 1, autorização do Departamento de Educação)

Coleta dos dados — procedeu-se o contato com a Direção das Escolas ficando de comum acordo estipulado o prazo de uma semana a contar da data da entrega dos questionários para que o pessoal pudesse ficar ciente de seu conteúdo e fizesse o devido preenchimento.

Instrumento — trata-se de um questionário informativo composto por 42 questões. (ver Anexo 2)

Apresenta em sua textura itens do:

Tipo 1 - com escolha livre de uma única alternativa: 1; 2; 3; 5; 7; 8; 11; 13; 16; 17; 19; 21; 23; 24; 27; 29; 31; 34;

Tipo 2 - escolha livre de várias alternativas: 9; 12; 14; 15; 18; 26; 28; 32; 33; 35; 37; 38; 39; 40; 41; 42.

Tipo 3 - resposta aberta: 4; 10; 22; 25.

Tipo 4 - respostas diferenciadas por alternativa (questão dentro de questão): 6.

Tipo 5 - escolha valorativa de várias alternativas: 20;
30.

Limitações — estão diretamente ligadas ao período de realização desta pesquisa, ou seja, sobrecarga didática (avaliação, recuperação, exames finais) das Escolas Municipais, motivado pelo término do ano letivo, dificultando a coleta e o levantamento dos dados.

O desenho da pesquisa usando uma população-alvo específica, diminuiu a possibilidade de generalização de resultados.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS — os dados coletados foram organizados e agrupados em tabelas visando a melhor forma de análise das hipóteses.

Quadro 1

ESCOLAS DE ENSINO DE 1ª GRAU, DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA, UNIVERSO DESTA PESQUISA.

Escolas de 5ª a 8ª série	Questionários	
	Aplicados	Respondidos
Escola Municipal Maria Clara Brandão Tesserolli - Ensino de 1ª Grau	23	10
Escola Municipal Júlia Amaral Di Lenna	34	20
Escola Municipal Prefeito Omar Sabbag - Ensino de 1ª Grau	75	02
Escola Municipal Professor Herley Mehl - Ensino de 1ª Grau	18	10
Escola Municipal São Miguel - Ensino de 1ª Grau	23	12
Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1ª Grau	35	23
Escola Municipal Papa João XXIII - Ensino de 1ª Grau	35	23
T O T A L	243	100

Capítulo IV

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados obtidos ainda que não correspondessem à totalidade dos respondentes considerados deixam, entretanto, entrever informações de grande validade para este trabalho.

Desta forma pode-se estabelecer:

— nos itens 1 e 3 (Tab. 1) verificou-se que, independente do sexo, predominaram respondentes de mais de 30 anos (88 no total);

TABELA 1
Itens 1 e 3

IDADE	S E X O			Total
	Masculino	Feminino	fem Resposta	
20-24 anos	-	04	-	04
25-29 anos	-	08	-	08
30-34 anos	04	30	-	34
Mais de 35 anos	16	38	-	54
Sem Resposta	-	-	-	-
TOTAL	20	80	-	100

TABELA 2

Itens 2 e 4

Sua função na Escola é	GRAU DE INSTRUÇÃO						TOTAL
	2º Grau Completo	Superior Completo	Superior Incompleto	Especialização	Pós Graduação	Sem Resposta	
Diretor	-	04	-	-	-	-	04
Supervisor	-	04	-	-	-	-	04
Orientador	-	05	-	-	02	-	07
Docente	17	66	-	-	-	-	83
Sem resposta	-	-	-	-	-	02	02
TOTAL	17	79	-	-	02	02	100

— os respondentes na sua grande maioria possuem Curso Superior (itens 2 e 4 - Tab. 2), sendo que dois deles com Pós-Graduação em Orientação Educacional.

Por outro lado observa-se junto aos Professores a existência de elementos com apenas o 2º Grau;

TABELA 3

Itens 2 e 7

Sua função na Escola é:	Na sua Escola a Orientação Educacional está integrada funcionalmente ao currículo				TOTAL
	SIM	NÃO	NÃO SEI	SEM RESPOSTA	
Diretor	04	-	-	-	04
Supervisor	04	-	-	-	04
Orientador	05	01	-	-	06
Professor	59	12	12	-	83
Sem resposta	-	-	-	03	03
TOTAL	72	13	12	03	100

— analisando as respostas aos itens 2 e 7 (Tab. 3) constata-se que os informantes (totalizando 72) afirmam estar a Orientação Educacional integrada funcionalmente ao currículo. Este se constitui em dado bastante animador tendo em vista a importância desta atividade em todo o contexto escolar;

TABELA 4

Item 5

Sendo currículo compreendido como todas as experiências organizadas e supervisionadas pela escola e pelos quais ela assume responsabilidade pergunta-se na sua Escola o currículo	ENFOQUE CURRICULAR						TOTAL
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Atualização	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Sem Resposta	
Está centrado em torno dos interesses propósitos, necessidades e aspirações de cada aluno	-	-	26	-	-	-	26
Parte do concreto para o abstrato uma vez que qualquer assunto pode ser aprendido pelo aluno quando respeitadas as condições de maturidade e prontidão	-	23	-	-	-	-	23
É organizado em disciplinas estanques sendo o aluno mero receptor de um conjunto de verdades pré-estabelecidas	23	-	-	-	-	-	23
É elaborado por especialistas que hierarquizam objetivos, definem pequenos passos, prevêm mudanças de comportamento, uniformizam critérios de avaliação e instrumento de medida	-	-	-	24	-	-	24
Enfatiza uma visão crítica que dialetiza as relações, que problematiza os conteúdos e retorna o papel do professor como dirigente do processo	-	-	-	-	03	-	03
Sem resposta	-	-	-	-	-	01	01
TOTAL	23	23	26	24	03	01	100

— foram correlacionadas as alternativas assinaladas no item 5 (Tab. 4) do questionário, com as cinco concepções curriculares, verifica-se então uma distribuição das respostas pelas concepções auto-atualização (26 respondentes); currículo como tecnologia (24 respondentes); processo cognitivo (23 respondentes); e racionalismo acadêmico (23 respondentes);

TABELA 5

Item 6

Assinale os objetivos que devem ser desenvolvidos na Orientação Educacional como meio de implementação do currículo	CRITÉRIO				TOTAL
	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Sem Resposta	
Trabalhar na escola a orientação preventiva	06	25	58	-	89
Cooperar para a interação dos alunos nos diversos grupos	05	40	44	-	89
Alertar sobre importância das opções responsáveis	08	36	45	-	89
Desenvolver a auto-imagem	16	34	39	-	89
Melhorar o relacionamento interpessoal	06	29	54	-	89
Conhecer melhor o mundo do trabalho	07	38	44	-	89
Criar oportunidades de experiências favoráveis a aprendizagem	06	29	54	-	89
Estimular o bom convívio social	06	33	50	-	89
Vivenciar situações-problemas	12	37	40	-	89
Informar sobre a necessidade do conhecimento das possibilidades e das limitações	12	40	37	-	89
Sem resposta	-	-	-	11	11
TOTAL	84	326	465	11	

— o mesmo procedimento buscou-se no item 6 (Tab. 5) e como resultado encontrou-se as concepções auto-atualização (174 respondentes); reconstrução social (148 respondentes); processo cognitivo (54 respondentes); racionalismo acadêmico (45 respondentes); e currículo como tecnologia (44 respondentes). Vê-se então um ecletismo de concepções curriculares nas Escolas da amostra;

TABELA 6

Item 8

Assinalar na tabela abaixo um valor de 1 a 5 em função do nível de integração da Orientação Educacional e dos demais envolvidos no processo educativo lembrando que 1 corresponde ao valor mais baixo e 5 ao valor mais alto	NÍVEL DE INTEGRAÇÃO						TOTAL
	1	2	3	4	5	Sem resposta	
Orientação Educacional e Direção	-	03	14	24	31	-	72
Orientação Educacional e Supervisão	02	04	14	24	28	-	72
Orientação Educacional e Professores	07	05	17	18	25	-	72
Orientação Educacional e Alunos	02	03	14	25	28	-	72
Orientação Educacional e Família dos alunos	01	02	12	24	33	-	72
Orientação Educacional e Comunidade	05	04	23	21	19	-	72
Sem resposta	-	-	-	-	-	28	28
TOTAL	17	21	94	136	164	28	

— no que se refere ao nível de integração da Orientação Educacional e dos demais envolvidos no processo educativo (item 8 - Tab. 6), pelas respostas obtidas, percebe-se que a ênfase da participação da Orientação Educacional é intramuros da escola. Em nível 5 observa-se que O.E. Família dos alunos e O.E. Comunidade totalizaram mesmo assim apenas 52 respostas;

TABELA 7

Itens 9 e 10

Em caso afirmativo responda se o horário destinado para esta atividade é	Existe na grade curricular um horário destinado para a realização da Orientação Educacional				
	SIM	NÃO	NÃO SEI	Sem resposta	TOTAL
Antes do início normal das aulas	-	01	-	-	01
Após o término de todas as aulas	-	-	-	-	zero
Entre o intervalo das aulas	04	09	03	-	16
Durante o horário considerado vago	05	11	-	-	16
Outra	-	13	08	-	21
Sem resposta	-	25	13	08	46
TOTAL	09	59	24	08	100

— com relação aos itens 9 e 10 (Tab. 7) o que se observa é que as atividades de Orientação Educacional não fazem parte do planejamento curricular das Escolas da amostra.

É importante ressaltar ainda que, embora isto venha acontecendo, os respondentes em maioria significativa considerem que a falta de horário é ponto altamente negativo e que deveria existir na Escola um horário especial para a Orientação. Pode-se perceber, aqui, a valorização dada pelas Escolas da amostra às atividades da Orientação Educacional;

TABELA 8

Item 11

Você considera que a demanda por Orientação Educacional proposta no currículo em nossas escolas estão vinculados a:	FREQUÊNCIA
Responder às necessidades da sociedade industrial	09
Contribuir para a adaptação do indivíduo no meio ambiente	41
Exercer uma ação preventiva sobre a grande maioria dos alunos	29
Facilitar o desenvolvimento positivo e integrado do indivíduo	36
Ampliar o processo de preparação para o trabalho informando sobre oportunidades e limitações do mercado de trabalho	29
Assessorar os pais na identificação e compreensão do desenvolvimento cognitivo dos filhos	29
Procurar corrigir os distúrbios de comportamento em geral	36
Ajustar o aluno à escola e a sociedade	46
Respeitar o ritmo do aluno, controlando cada passo e planejando o próximo a ser dado	14
Outra	02
Sem resposta	11
T O T A L	282

— no item 11 (Tab. 8) está presente, mais uma vez, o ecletismo das concepções curriculares, não aparecendo em relevância nenhuma concepção curricular específica.

Na alternativa "OUTRA" os informantes justificaram sua posição com o seguinte comentário: *"adaptação no sentido de potencializar o indivíduo para que possa dar respostas positivas às solicitações do mundo que enfrenta, de forma a que sejam minimizadas as crises que estará sujeito a passar"*. Outro informante registrou: *"Um desconhecimento efetivo da Orientação Educacional na sua Escola"*.

TABELA 9

Itens 12 e 17

As sessões coletivas de orientação fazem parte do planejamento anual do currículo	Na sua Escola são realizadas sessões coletivas de orientação				
	SIM	NÃO	NÃO SEI	Sem resposta	TOTAL
SIM	22	-	-	-	22
NÃO	30	01	-	-	31
NÃO SEI	16	06	06	-	28
SEM RESPOSTA	-	10	09	-	19
TOTAL	68	17	15	-	100

TABELA 10

Itens 13 e 16

O número de sessões coletivas realizadas por turma é de:	As sessões coletivas são realizadas por turma:				
	SIM	NÃO	NÃO SEI	Sem resposta	TOTAL
Uma vez por semana	05	-	-	-	05
Duas vezes por semana	--	-	-	-	zero
Uma vez cada 15 dias	14	-	-	-	14
Uma vez durante o mês	11	01	-	-	12
Outra	25	01	01	-	27
Sem resposta	07	05	08	22	42
TOTAL	62	07	09	22	100

TABELA 11

Itens 14 e 15

As sessões coletivas de orientação são realizadas:	As sessões coletivas de orientação tem em geral a duração de:					
	20 minutos	30 minutos	50 minutos	Tempo indeterminado	Sem resposta	TOTAL
Somente nas turmas de 5ª série	-	-	-	-	-	-
Somente nas turmas de 6ª série	-	-	-	-	-	-
Somente nas turmas de 7ª série	-	-	-	-	-	-
Somente nas turmas de 8ª série	-	-	-	-	-	-
Somente nas turmas de 5ª a 8ª série	05	-	18	05	-	28
Outra	-	-	24	08	-	32
Sem resposta	-	-	-	-	40	40
TOTAL	05	-	42	13	40	100

solicitados a informar quanto à ocorrência, frequência e tempo de duração das sessões coletivas de Orientação Educacional (itens 12 e 17 - Tab. 9; 13 e 16 - Tab. 10; e itens 14 e 15 - Tab. 11) os informantes assinalaram que as sessões devem ocorrer por turma, sendo sua frequência variada, ou seja, conforme a situação o exigir, tendo por duração cerca de 50 minutos. O que se observa aqui é que ocorrendo estas sessões, sua área de abrangência é bem maior indo desde a pré-escola até a 8ª série;

TABELA 12

Item 18

Indique de que forma as sessões coletivas de orientação estão relacionadas ao currículo	ENFOQUE CURRICULAR						TOTAL
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Atualização	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Sem resposta	
Quando as sessões visam o aspecto disciplinar	-	-	-	-	18	-	18
Quando as sessões são supletivas às funções administrativas da comunidade escolar	02	-	-	-	-	-	02
Quando as sessões reforçam o aspecto da melhoria dos padrões de aprendizagem individual	-	22	-	-	-	-	22
Quando as sessões buscam o desenvolvimento do indivíduo como um todo	-	-	28	-	-	-	28
Quando as sessões valorizam o sucesso, a eficiência, o individualismo, procurando fazer com que o aluno aprenda mais com menor esforço, dentro do seu próprio ritmo	-	-	-	14	-	-	14
Sem resposta	-	-	-	-	-	16	16
TOTAL	02	22	28	14	18	16	100

— quanto à análise do item 18 (Tab. 12) o que ficou comprovado é o desconhecimento por parte dos informantes quanto ao significado das concepções curriculares — o que vem sendo verificado ao longo dessa discussão — o ecletismo de concepções adotadas.

Estabelecendo-se comparações seria possível admitir semelhança nas concepções adotadas (ver itens 11 e 6 - Tab. 5 e 8) páginas 72 e 75.

TABELA 13

Item 19

Assinale quais os temas desenvolvidos nas sessões coletivas de orientação	ENFOQUE CURRICULAR						
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Avaliação	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Outra	Sem resposta
Disciplina	40	-	-	-	-	-	-
Habilidades de estudo	-	38	-	-	-	-	-
Relacionamento interpessoal	-	-	34	-	-	-	-
Trabalho da comunidade	-	-	-	-	08	-	-
Eficiência na solução de problemas	-	-	-	15	-	-	-
Orientação sexual	-	-	32	-	-	-	-
Hábitos de higiene	-	-	38	-	-	-	-
Lazer	-	-	-	-	11	-	-
Informação Profissional	-	-	-	-	38	-	-
Alimentação	-	-	07	-	-	-	-
Poluição	-	-	02	-	-	-	-
Desenvolvimento da auto-imagem	-	-	22	-	-	-	-
Namoro	-	-	-	-	12	-	-
Uso das drogas: tóxico, fumo, bebida alcoólica	-	-	05	-	-	-	-
Organização e método	-	-	-	18	-	-	-
Valorização das tradições	06	-	-	-	-	-	-
Feira de ciência	-	-	-	-	-	-	-
Criatividade na resolução de problemas	-	-	15	-	-	-	-
Outra	-	-	-	-	-	08	-
Sem resposta	-	-	-	-	-	-	23
TOTAL	46	38	155	33	69	08	23

— relacionando-se as respostas ao item 19 (Tab. 13) com as cinco concepções curriculares, vê-se como mais significativo: auto-atualização (155 respondentes) reconstrução social (69 respondentes), racionalismo acadêmico (46 respondentes), processo cognitivo (38 respondentes) currículo como tecnologia (33 respondentes).

O que vem ratificar as observações registradas anteriormente, no que se refere ao ecletismo de concepções curriculares adotadas nas Escolas, incluídas neste estudo;

TABELA 14

Itens 21 e 25

Que situações mais suscitam as sessões coletivas de orientação	As sessões coletivas de orientação oferecidas na sua Escola são planejadas antecipadamente pelo Orientador Educacional			
	SIM	NÃO	NÃO SEI	SEM RESPOSTA
As ausências dos professores	07	-	01	-
Os atos de indisciplina dos alunos	20	01	01	-
Os problemas de relacionamento entre aluno X aluno	27	-	-	-
Os problemas de relacionamento entre aluno X professor	17	-	-	-
Os problemas de relacionamento entre aluno X administrador	-	-	-	-
O baixo rendimento escolar dos alunos	26	-	03	-
Os problemas familiares	17	-	-	-
O preparo para o avanço da tecnologia em geral	-	-	-	-
A necessidade de prevenir situações problemáticas	22	-	-	-
Outra	01	02	04	-
Sem resposta	06	-	05	08
TOTAL	143	03	14	08

— nos itens 21 e 23 (Tab. 14) procedeu-se da mesma forma, ou seja, buscou-se verificar que concepção aparecia em maior destaque. Verificou-se novamente o ecletismo, como esta tabela demonstra.

Na alternativa "OUTRA" ficou registrado que na pré-escola as sessões variam mais, desde a integração do aluno até o auxílio relativo a psicomotricidade;

TABELA 15

Itens 22 e 24

Marque a alternativa que indica a finalidade destas sessões coletivas	Qual o responsável pelo atendimento das sessões coletivas de orientação:				
	Orientador Educacional	Professores	Representante de turma	Alunos ficam sem atendimento	Sem resposta
De apoio às funções administrativas	05	-	-	-	-
De apoio às funções pedagógicas	33	-	-	-	02
De apoio às funções de orientação preventiva	30	-	-	-	-
De apoio à qualidade do ensino medida pelo material instrucional	03	-	-	-	-
De apoio ao ajustamento do aluno na escola e na sociedade	32	-	-	-	01
De apoio às atividades extra-curriculares	04	-	-	-	-
Outra	01	-	-	02	02
Sem resposta	05	-	-	02	11
TOTAL	113	-	-	04	16

— focalizando as respostas aos itens 22 e 24 (Tab. 15) evidencia-se que a grande maioria dos respondentes considera o Orientador Educacional como sendo o profissional responsável pelo atendimento às sessões coletivas.

Quanto a finalidade destas sessões 32 respondentes consideram-na de "apoio ao ajustamento do aluno na escola e sociedade"; 33 respondentes de "apoio às funções pedagógicas"; e 30 respondentes de "apoio à orientação preventiva". Concepções curriculares em destaque: racionalismo acadêmico, processo cognitivo e auto-atualização. O papel do Orientador Educacional é subsidiário (de ajuda) e está de alguma forma relacionado às necessidades emergentes e circunstanciais na Escola.

TABELA 16

Itens 25 e 26

Em caso afirmativo quanto estas sessões coletivas de orientação devem ser avaliadas	Não considera necessário a avaliação das sessões coletivas de orientação				TOTAL
	SIM	NÃO	Não pensei a respeito	Sem resposta	
Sempre que se fizer necessário	21	-	-	-	21
Após cada semestre letivo	06	-	-	-	06
Sempre no término da atividade	20	-	-	-	20
Sempre associada à avaliação do currículo	08	-	-	-	08
Outra	01	04	03	-	08
Sem resposta	04	06	10	17	37
TOTAL	60	10	13	17	100

TABELA 17

Itens 27 e 28

Assinale na relação abaixo o responsável pela avaliação das sessões coletivas	Na sua Escola as sessões coletivas de orientação são avaliadas:			
	SIM	NÃO	NÃO SEI	SEM RESPOSTA
O Orientador	25	-	04	-
O Professor	12	-	-	-
O Diretor	01	-	-	-
O aluno	12	-	02	-
A família do aluno	2	-	-	-
Outro	-	03	06	-
Sem resposta	04	03	15	08
TOTAL	56	06	27	08

TABELA 18

Idem 29

De que maneira é feita a avaliação das sessões coletivas	FREQUÊNCIA
Através do relatório apresentado ao final do semestre	04
Através do preenchimento de questionário	10
Através do registro de observação	35
Através da ficha de avaliação	05
Outra	09
Sem resposta	37
TOTAL	100

— agrupando as respostas aos itens 25 e 26 (Tab. 16); 27 e 28 (Tab. 17) e item 29 (Tab. 18) encontra-se o seguinte: a grande maioria (60 respondentes) considera necessária a avaliação das sessões e isto deve ocorrer sempre que se fizer necessário e ao término da atividade. Há uma certa preocupação por parte dos respondentes com a qualidade destas sessões coletivas. Também quanto ao responsável pela avaliação das sessões, 25 respondentes assinalaram ser o Orientador seu principal responsável. Outro fato a ser ressaltado na discussão destes itens é de que 37 respondentes não deram informações sobre como está sendo realizada a avaliação das sessões. Isto vem demonstrar a falta de participação de todos e o desconhecimento destes respondentes quanto ao mecanismo utilizado para se processar a avaliação destas sessões de orientação.

TABELA 19

Item 30

Estabelecer valor de 1 a 5 (conforme critério abaixo) para o que considera importante numa sessão coletiva de orientação a fim de que atinja seu verdadeiro objetivo:	RESPONDENTES																				SEM RESPOSTA
	DIRETOR					SUPERVISOR					ORIENTADOR					PROFESSOR					
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
Integrar as sessões coletivas com as diversas disciplinas da Escola			2	2					2	1			1	2	1	2	10	16	14	8	
Fazer parte do planejamento anual do currículo	1		1	2					1	2			1		3	2	12	18	5	15	
Partir do levantamento de interesses dos alunos				1	2					3			1	3	1	6	12	11	18		
Envolver os professores na sugestão dos temas a serem trabalhados		1		2	1					3		1	2	1	3	4	12	16	9		
Caracterizar previamente a clientela a ser atingida			1		2			1	2				2	1	3	8	11	10	13		
Conhecer antecipadamente os recursos físicos e materiais disponíveis na Escola	1			1	2				1	2			1	1	2	1	12	11	9	13	
Desenvolver as tarefas evolutivas próprias da adolescência		1		1						1	2		1		3	4	3	11	10	13	
Sem resposta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18	
TOTAL	2	2	4	9	7	-	-	2	8	10	-	4	3	9	11	16	55	91	75	89	

— quanto ao que considera importante numa sessão coletiva de orientação, item 30 (Tab. 19), verificou-se que a concentração das respostas ficou a nível 3, ou seja, *muito importante*.

Aqui buscou-se adequar o objetivo da atividade ao nível de sua importância, estabelecendo-se um valor de 1 a 5 conforme critério incluso no questionário.

TABELA 20

Item 32

Considerando a importância das tarefas evolutivas no desenvolvimento do adolescente como você vê a sessão coletiva de orientação	FREQUÊNCIA
Contribui para a realização das tarefas evolutivas	08
É uma atividade que reforça a passagem de uma tarefa evolutiva a tarefas posteriores	10
Favorece a qualidade da execução de cada tarefa evolutiva	07
As tres primeiras alternativas estão corretas	50
É uma atividade que dificulta a realização das tarefas evolutivas	-
Outra	-
Sem resposta	25
TOTAL	100

— No item 32 (Tab. 20) encontram-se 50 respondentes considerando que a sessão coletiva contribui, reforça e favorece a qualidade da tarefa evolutiva.

Este é um dado deveras significativo pois a sessão coletiva de orientação não está sendo encarada como uma atividade a mais, ou simplesmente como substitutivo da ausência do professor, mas como uma atividade de real importância no contexto escolar envolvendo a toda comunidade escolar no processo.

TABELA 21

Item 35

Quem é incentivador das sessões de orientação na sua Escola	FREQUÊNCIA
O Diretor	13
O Supervisor	10
O Orientador	38
O Professor	17
O Aluno	08
A Família do aluno	-
Todos	16
Ninguém	-
Sem resposta	15
TOTAL	117

TABELA 22

Item 36

Quem deveria ser o maior incentivador das sessões de orientação na sua Escola	FREQUÊNCIA
O Diretor	01
O Supervisor	01
O Orientador	22
O Professor	10
O Aluno	06
Todos	45
Outro	-
Sem resposta	15
TOTAL	100

— Analisando as respostas aos itens 35 (Tab. 21) e 36 (Tab.22) verifica-se a existência de uma distribuição nas respostas, embora tenha havido uma maior concentração (38 respondentes) na consideração do Orientador Educacional como sendo o incentivador das sessões coletivas.

Bastante relevante pois demonstra que o próprio Orientador considera importante esta atividade, independente da dificuldade para sua realização conforme opinam alguns respondentes: "não ter horário próprio", "falta de mais orientadores nas Escolas". Outro dado de real importância (45 respondentes) consideram o incentivo a realização destas sessões não ser obrigação apenas do Orientador Educacional, mas de todos os componentes da equipe escolar.

O que mais uma vez deixa transparecer a valorização desta atividade nas Escolas da amostra.

TABELA 23

Item 37

Na sua Escola o conteúdo trabalhado nas diversas disciplinas:	ENFOQUE CURRICULAR						
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Atualização	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Outra	Sem resposta
Depende do aprendizado de cada aluno e serve como instrumento	-	19	-	-	-	-	-
Depende de situações preditíveis e fala linguagem de produção	-	-	-	03	-	-	-
É centrado no aluno, orientado para autonomia e crescimento viável através das tarefas evolutivas	-	-	40	-	-	-	-
Baseia-se na necessidade da sociedade	-	-	-	-	11	-	-
Dá ênfase na manutenção da tradição e da herança cultural	13	-	-	-	-	-	-
Outra	-	-	-	-	-	04	-
Sem resposta	-	-	-	-	-	-	10
TOTAL	13	19	40	03	11	04	10

TABELA 24

Item 38

Como você vê o aluno no processo ensino/aprendizagem	ENFOQUE CURRICULAR					
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Atualização	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Sem resposta
É elemento interativo e adaptativo	08	-	-	-	-	-
É elemento de laboratório	-	-	-	-	-	-
É o centro do processo ensino/aprendizagem	-	-	62	-	-	-
É visto dentro das necessidades sociais e não individuais	-	-	-	-	05	-
É receptor da tradição e herança cultural	09	-	-	-	-	-
Outro	-	-	-	-	-	-
Sem resposta	-	-	-	-	-	16
TOTAL	17	-	62	-	05	16

TABELA 25

Item 39

O emprego e manuseio do material didático na sua Escola está diretamente relacionado a:	ENFOQUE CURRICULAR					
	Racionalismo Acadêmico	Processo cognitivo	Auto-Atualização	Currículo como Tecnologia	Reconstrução Social	Sem resposta
Conduzir o aluno no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem	-	48	-	-	-	-
Favorecer a auto-realização do aluno	-	-	15	-	-	-
Acompanhar o desenvolvimento da tecnologia	-	-	-	02	-	-
Aproveitar os recursos existentes no cotidiano	-	-	-	-	15	-
Contribuir na transmissão e manutenção da cultura	18	-	-	-	-	-
Outro	-	-	-	-	-	-
Sem resposta	-	-	-	-	-	02
TOTAL	18	48	15	02	15	02

— Analisando-se as respostas aos itens 37 (Tab. 23), 38 (Tab. 24) e 39 (Tab. 25), observa-se: houve uma preocupação em tornar o aluno o centro do processo ensino aprendizagem, ou seja, tudo gira em torno do educando, sendo o professor o facilitador da aprendizagem e o aluno passa a ser o sujeito do ato de aprender. Relacionando-se com as cinco concepções de currículo observa-se uma maior concentração na auto-atualização e no processo cognitivo.

TABELA 26

Item 40

Considerando a importância da atuação do professor na comunidade escolar como você vê a função do professor na sua Escola	RESPONDENTES			
	Diretor	Supervisor	Orientador	Professores
É desenvolver uma espécie de autonomia intelectual	01	-	02	08
É falar linguagem de produção	-	-	-	05
É atender as diferenças individuais que motivam a presença de cada aluno na Escola	-	02	02	29
É dar orientação para o presente e para o futuro	02	01	01	24
É cultivar o intelecto da criança para aquisição de ferramentas a fim de participar da tradição cultural	02	01	-	12
Outra	-	-	-	01
Sem resposta	02	03	02	10
TOTAL	07	07	07	89

TABELA 27

Item 41

A ação do Orientador em relação ao ensino-aprendizagem se faz quando:	RESPONDENTES			
	Diretor	Supervisor	Orientador	Professor
Visa modificações no ambiente objetivando modificar o aluno	01	01	01	14
Busca apoiar e desenvolver no aluno conhecimentos que possibilitem maior aprimoramento intelectual	01	01	01	17
Objetiva desenvolver no aluno a capacidade da descoberta de seu próprio aprendizado	02	01	03	35
Procura avaliar a qualidade dos resultados	-	01	-	03
Desenvolve no aluno uma atitude reflexiva frente a herança cultural	01	01	01	10
Outra	-	-	-	-
Sem resposta	02	02	01	10
TOTAL	07	07	07	89

— Concentrando ainda a atenção nos itens 40 e 41, respectivamente Tabelas 26 e 27, verifica-se as respostas — relacionando-as com a função desempenhada pelos respondentes nas Escolas, observa-se então, que houve uma distribuição destas respostas por parte dos especialistas, ao passo que os professores concentraram mais suas respostas: "a função do professor é atender às diferenças individuais (29 respondentes), é dar orientação para o presente e para o futuro (24 respondentes)". Por outro lado no que se refere a ação do Orientador Educacional vista também segundo a função dos respondentes verifica-se a mesma informação do item anterior enquanto que para os Professores (35 respondentes) a ação do Orientador Educacional objetiva desenvolver no aluno a descoberta do próprio aprendizado.

Aqui a concentração das respostas fica na concepção curricular auto-atualização.

CONCLUSÃO

O problema deste estudo ressaltou a importância da Orientação Educacional integrada ao currículo, por considerar esta forma de atuação a mais viável, abrangente e efetiva.

Quanto à população-alvo foram considerados apenas os professores e os especialistas em educação da Escola, pessoal atuante a nível de 5.^a a 8.^a série. Com esta atitude não se teve em momento algum, a intenção de negar ou desconsiderar a importância da participação do aluno em todo o processo. Sua exclusão da amostra ocorreu em função da exigüidade do tempo para a execução deste estudo, também devido ao período de recuperação dos alunos, pois a grande maioria estava ausente.

No que concerne ao problema em estudo observou-se não haver relacionamento efetivo entre proposta de Currículo e Orientação Educacional, nas Escolas da amostra.

Em função disto foram rejeitadas as seguintes hipóteses:

- Os Orientadores Educacionais realizam sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares com base em concepção de currículo específicas;
- Não há reconhecimento por parte dos Professores e Especialistas em Educação quan-

to à necessidade do emprego das sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares;

- Os Professores e Especialistas em Educação aceitam a Orientação Educacional como agente dinamizador de concepção curricular assumida pela Escola.

E, confirmadas as hipóteses:

- Os Orientadores Educacionais realizam sessões de Orientação Educacional não relacionadas a uma concepção de currículo específica;

- O processo de incentivo à realização das sessões de Orientação Educacional como atividades curriculares está na dependência de fatores estruturais e funcionais do próprio planejamento curricular da Escola.

Com relação aos objetivos em estudo verificou-se que os mesmos vieram ratificar as considerações feitas anteriormente em função das hipóteses de trabalho.

Com efeito o ecletismo das concepções curriculares está difuso em toda a seqüência das Escolas da amostra.

Isto significa, que embora não haja uma concepção curricular específica e a Orientação Educacional não esteja integrada ao currículo ela é vista pela população-alvo como imprescindível assumindo conforme as necessidades emergentes da vida escolar um significado específico e peculiar.

Fazendo uma revisão do caminho percorrido percebeu-se que as limitações ocorridas durante a realização deste trabalho estão diretamente relacionadas às seguintes situações:

- a população específica diminuiu a possibilidade da generalização dos resultados;
- o desconhecimento por parte dos respondentes, quanto ao referencial relativo às concepções de currículo, prejudicou de alguma forma mostrando-os bastante ecléticos em suas respostas;
- a possibilidade do respondente assinalar mais de uma alternativa, quando o esperado se restringia apenas a uma alternativa;
- o período de realização da pesquisa também não foi produtivo pois o pessoal envolvido alegou dificuldades em responder, por estar em período de exames de recuperação, exames finais com os alunos, com sobrecarga didática;
- e como motivação negativa um certo "receio" quanto ao destino da pesquisa, por temer certo comprometimento em suas respostas.

Capítulo V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver durante a juventude a responsabilidade pela opção da escolha é deveras importante, assim como o esclarecimento das possíveis alternativas existentes em cada escolha.

Sendo assim apoio e compreensão são fatores decisivos na atuação do Or. E.

O Orientação Educacional é concebível nas Escolas da amostra porque no decurso de sua escolaridade o adolescente defronta-se com possíveis escolhas.

ERIKSON compara o adolescente "*a um trapezista que, na metade do salto, se desprende do apoio seguro de uma situação anterior e deve agarrar-se a uma nova situação que o levará a um futuro ainda ignorado*"¹. Esse momento é chamado por ERIKSON de crise de identidade e considerado como distúrbio próprio de uma crise vital evolutiva.

Na idade da adolescência é que o problema da escolha aparece em toda sua plenitude pois é o momento crucial da escolha de nós mesmos dos muito que poderíamos ser.

¹MIELNIK, Isaac. *Os adolescentes: conceito, dinâmica e orientação do adolescente*. São Paulo, IBRASA, 1984. p. 132.

E o conflito que vemos na obra de Hermann Hesse, *Demian*, entre o mundo luminoso, ideal que representa o mundo aconchegante do lar, e o mundo sombrio real, por que deve pensar Sinclair para edificar sua própria personalidade.

A epígrafe da obra determina o conflito: queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Por que isso me era tão difícil?

O adolescente, alvo deste estudo é um ser ao qual se abre uma multiplicidade de escolhas. Seu desenvolvimento psicofisiológico, sua vida afetiva e intelectual, seu relacionamento interpessoal e intergrupar, as condições sócio-econômicas, as aspirações profissionais, a busca da sua realização pessoal torna indispensável a prática da Orientação em nossas Escolas.

Uma prática integrada ao currículo, caso contrário será um serviço a mais, isto é, desenvolvendo todo tipo de trabalho desde as funções administrativas, socorristas até a substituição de Professores nas salas de aulas, alienando-se desta forma da sua verdadeira finalidade.

RECOMENDAÇÕES

Em decorrência do que foi constatado nesta pesquisa sugere-se:

1. Que Diretores, Supervisores, Professores e os próprios Orientadores Educacionais se apercebam da necessidade da integração da Orientação Educacional ao Currículo como forma de

trabalho mais abrangente e efetivo;

2. Que seja ampliado o quadro de Orientadores Educacionais na rede municipal de Curitiba para que possa ocorrer uma maior amplitude de atuação;
3. Que seja realizado sempre nas Escolas, encontros, debates, onde participem todos os elementos envolvidos com o processo ensino/aprendizagem buscando maior entrosamento, maior participação e conseqüentemente melhor conhecimento e reconhecimento da importância e necessidade do trabalho integrado da Orientação Educacional e o Currículo;
4. Que o Orientador não trabalhe isolado na Comunidade Escolar, sob pena de ficar trabalhando sozinho. Deve procurar entrosamento com todos os demais elementos da Escola em especial com o Professor por estar este mais diretamente junto ao aluno e desta forma exercendo maior influência na sua formação;
5. Que a Orientação como parte do processo educativo necessita integrar-se também com a Comunidade em especial com a família do aluno através de reuniões gerais e encontros com grupos menores de discussão com a finalidade de buscar soluções-alternativas para problemas comuns;
6. Que os Orientadores Educacionais sabedores que são da importância da sua atuação no contexto escolar se unam em torno do mesmo propósito, ou seja, a integração da Orientação

Educacional ao Currículo usando como forma de operacionalização as sessões coletivas de orientação;

7. Que a Escola no seu todo promova um tipo de Ensino onde o aluno encontre respaldo para uma participação mais crítica, seja encorajado a fazer descobertas e a trabalhar de forma responsável e independente;
8. Que seja realizada outras pesquisas neste campo para maior esclarecimento e contribuição ao trabalho de todos os diretamente ligados ao processo ensino/aprendizagem.

GLOSSÁRIO

Neste trabalho os termos básicos usados, foram definidos da seguinte maneira:

Ação integrada — é a ação educativa planejada, executada e avaliada em conjunto com orientadores, professores e demais técnicos que compõem a equipe de educadores (PIMENTEL, Orientação Educacional, p. 18).

Afirmção — é a característica da pessoa que atua no sentido de superar obstáculos ou barreiras que lhe dificultam a obtenção de um objetivo (VASCONCELLOS, Curso de informação profissional, p. 81).

Aprendizagem — consiste em atividade deliberada e objetiva para adquirir conhecimento ou compreender algo, ou ter habilidade em alguma coisa decorrente de estudo, instrução ou investigação (GARCIA, Modelo de Currículo ... p. 155).

Atitude — tendência persistente adquirida de sentir, pensar ou agir de modo fixo em relação a uma determinada classe de estímulos (PIKUNAS, Desenvolvimento humano... p. 460).

Atuação preventiva — propõe-se a evitar que o educando se encontre em situações que lhe possam ser prejudiciais (NÉRICI, Introdução à Orientação Educacional, p. 134).

Autonomia — faculdade de se governar a si mesmo (GARCIA, Modelo de Currículo ... p. 155).

Auto-controle — é a capacidade de controlar as próprias reações emocionais ou de expressá-las de modo socialmente aceitável (VASCONCELLOS, Curso de Informação Profissional, p. 80).

Auto-realização — processo que dura a vida inteira, é o desenvolvimento desimpedido, marcado por autodireção e respostas em termos das capacidades e potencialidades de uma pessoa (PIKUNAS, Desenvolvimento humano..., p. 461).

Currículo — esquema organizacional, prescritivo, de estruturação da aprendizagem (GARCIA, Modelo de Currículo ... p. 27).

Disciplina — facilidade de aceitação a normas de trabalho pré-estabelecidas e de trabalhador metodicamente (VASCONCELLOS, Curso de Informação Profissional, p. 80).

Habilidade — capacidade de realizar determinadas tarefas ou resolver determinados problemas (DICIONÁRIO de Psicologia. Barcelona, Herder, p. 433).

Interesses — são atitudes favoráveis em relação aos objetos (VASCONCELLOS, Curso de Informação Profissional, p. 73).

Maturidade — o estado de função e integração máximas de um único fator ou uma pessoa total. Também se aplica à adequação de desenvolvimento e desempenho relacionados à idade (PIKUNAS, Desenvolvimento humano... p. 467).

Mecanismo de defesa — qualquer configuração de resposta habitual usada espontaneamente a fim de proteger a pessoa contra ameaças, conflitos, ansiedade e outras condições que não podem ser toleradas ou que a pessoa não pode enfrentar diretamente. (PIKUNAS, Desenvolvimento humano... p. 467).

Necessidade — é o elemento básico da personalidade. É a falta de alguma coisa que se estivesse presente teria contribuído para o bem-estar do organismo (SUPER, Psicologia Ocupacional, p. 39).

Reforço — qualquer influência ou condição que facilite o fortalecimento de padrões de comportamento selecionados (PIKUNAS, Desenvolvimento humano... p. 470).

Sessões coletivas — é a Técnica da qual o Orientador Educacional se vale para manter contatos grupais sistemáticos com os orientandos (Sessões de Orientação[coletânea] p. 5).

Sociabilidade — facilidade que certas pessoas tem de relacionar-se, de estabelecer contatos sociais (VASCONCELLOS, Curso de Informação Profissional... p. 79).

Traços — são elementos consistentes do comportamento de uma pessoa (SUPER, Psicologia Ocupacional, p. 124).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Therezinha Luis et alii. *A equipe do serviço de orientação educacional; elementos integrantes, função e coordenação*. Rio de Janeiro, CADES, s.d. 13p. (Cadernos de Orientação Educacional, 16).
- ANDRADOS, Isabel. *Orientação infantil*. Petrópolis, Vozes, 1980. 341p.
- ASSUMPÇÃO, Jorge A. M. *Criatividade e orientação educacional*. São Paulo, Cortez Editora, 1981. 143p.
- BASTOS, Lilian R. et alii. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 117p.
- BAQUERO MIGUEL, Godeardo. *Métodos e técnicas de orientação educacional*. Belo Horizonte, Loyola, 1962. 319p.
- BEAL, George M. *Liderança e dinâmica de grupos; no lar, na empresa, nas escolas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.
- BECK, Carlton E. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. Trad. de Vilma M. A. Penteado. São Paulo, EPU, 1977. 167p.
- BICUDO, Maria Aparecida V. *Fundamentos de orientação educacional*. São Paulo, Saraiva, 1978. 115p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 116p.
- BRASIL. Leis, decretos, etc. Decreto nº 72.846 - 26 set. 1973. Regulamenta a Lei nº 5.564 de 21 dez. 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional. Diário Oficial, Brasília, 27 set. 1973. p. 9746.

- CARVALHO, Helena W. Mosca. *Funções da orientação educacional*. (Monografia). UFPR., Curitiba, 1972.
- CARVALHO, Maria de Lourdes R. S. *A função do orientador educacional*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979. 129p.
- CECCON, Claudius et alii. *A vida na escola e a escola da vida*. Petrópolis, Vozes, 1982. p. 62-63.
- CHAGAS, Valnir. *Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus: antes, agora e depois?* São Paulo, Saraiva, 1982. p. 191-204.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, 5, Curitiba, 1978. *Orientador educacional no sistema escolar*. Mimeografado.
- _____, 7, Fortaleza, 1982. *Algumas conclusões*. Mimeografado.
- _____, 5, Curitiba, 1978. *A orientação educacional como serviço e como processo*. Mimeografado.
- DICIONÁRIO de Psicologia. Barcelona, Editorial Herder, 1976. 1070p.
- DREVILLON, Jean. *A orientação escolar e profissional*. Trad. de Eugênio Cardigos. Lisboa, Livros Horizontes, s. d. 165p.
- EISNER, Elliot & VALLANCE, Elizabeth. *Concepções conflitantes de currículo*. Berkeley, Califórnia, McCutchan Publishing Corporation, 1974.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. 322p.
- FOLBERG, Maria Mestrovsky. *O trabalho de orientação educacional integrado no currículo escolar*. Porto Alegre, Prospec-tiva, 1980. 33p. (Revista de orientação educacional)
- FREIRE, Aracy Muniz. *Orientação educacional*. 2ed. Rio de Janeiro, CADES, s. d. 19p. (Cadernos de Orientação Educacional, 12).
- FREIT, Zilda. *Orientação educacional*. *Didata*. São Paulo, (4):61-07, 1976.
- FURTER, Pierre. *Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia*. Petrópolis, Vozes, 1975. 288p.

- GARCIA, Consuelo de Menezes. *Modelo de Currículo para habilitação de Professores de Estudos Sociais em Licenciatura curta, utilizando concepção de currículo como Tecnologia*. Curitiba, Convênio 24/78-MEC-INEP-UFP-SE, 1979. 185p.
- GARCIA, Regina Leite. *Orientação educacional - afinal a quem serve?* São Paulo, CEDES, 1982. 64p. (Centro de Estudos Educação e Sociedade, 6).
- GARCIA, Regina L. & AZEVEDO, Joanir G. *A Orientação Educacional e o currículo*. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, nº 48, 1984. p. 29.
- GEMELLI, Agostinho. *Orientação profissional*. Trad. Dr. G. D. Leoni. Rio de Janeiro, Ibero-Americano, 1963. 276p.
- GRINSPUN, Miriam L. *Importância da orientação educacional no processo educativo*. Rio de Janeiro, 1976. 394p. Tese Mestrado. Fundação Getúlio Vargas.
- JONES, Arthur J. *Princípios de orientação educacional*. Trad. Mario Antonio de Lacerda Guerreiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977. 307p.
- KELLY, Albert Victor. *O currículo: teoria e prática*. Trad. de Jamir Martins, São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1981. 164p.
- LOFFREDI, Lais F. *Paradigma de orientação educacional: baseado no modelo de relação de ajuda de Carkemff*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. 130p.
- LUCK, Heloisa. *Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional*. Petrópolis, Vozes, 1981. 66p.
- _____. *Planejamento em orientação educacional*. Petrópolis, Vozes, 1982. 86p.
- LOFFREDI, Lais Esteves et alii. *A atuação do serviço de orientação educacional junto aos alunos: individualmente ou em grupos*. Rio de Janeiro, CADES, s. d. 35p. (Cadernos de Orientação Educacional, 13).
- MAIA, Eny Marisa & GARCIA, Regina Leite. *Uma orientação educacional nova para uma nova escola*. São Paulo, Loyola, 1984. 61p.

- MARTINS, José do Prado. *Princípios e métodos de orientação educacional*. São Paulo, Atlas, 1984. 191p.
- MATTIAZZI, Benjamin. *A natureza dos interesses e a orientação vocacional*. Petrópolis, Vozes, 1977. 95p.
- MAUPEOU, Yves de. *Orientação - para que?* Porto Alegre, Prospectiva, 1980. p. 11 (Revista de Orientação Educacional).
- MESSICK, Rosemary Graves et alii. *Currículo: análise e debate*. Trad. Maria Angela V. de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. 162p.
- MIELNIK, Isaac. *Os adolescentes: conceito, dinâmica e orientação do adolescente*. São Paulo, IBRASA, 1984. 173p.
- MUNIZ, Maria Lely de Souza. *A importância da orientação coletiva no trabalho do S.O.E. Curriculum*. Rio de Janeiro (9): 37-45, jan./jul. 1966.
- NÉRICI, Imídeo Guisepe. *Introdução à orientação educacional*. São Paulo, Atlas, 1983. 268p.
- NEVES, Ilka & SIQUEIRA, Algair. *Dinâmica da orientação educacional*. Porto Alegre, Globo, 1973. 300p.
- _____. *Nova dinâmica de orientação educacional*. Porto Alegre, Globo, 1979. 425p.
- PADIM, Candido et alii. *A orientação educacional e a escola: corpo docente*. Rio de Janeiro, CADES, 1962. 33p. (Cadernos de Orientação Educacional, 24).
- PENTEADO, Wilma M. A. *Orientação educacional: fundamentos legais (compilação)*. São Paulo, EDICON, 1980. 397p.
- _____. *Fundamentos de orientação educacional*. São Paulo, EPU, 1976. 240p.
- PEREIRA, Maria de Lourdes Souza. *Fundamentos filosóficos da orientação educacional*. 2ed. Rio de Janeiro, CADES, s. d., 16p. (Cadernos de Orientação Educacional, 2).
- PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente*. Trad. de Auriphebo Berranca Simões. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1981. 498p.

- PIMENTEL, Maria da Glória & SIGRIST, Aurea C. *Orientação educacional*. São Paulo, Pioneira, 1974. 188p.
- PIOVESAN, Maria Marli et alii. *Sessões de orientação (coletânea)*. Curitiba, SEEC., s. d. 133p.
- REIS, Amadice Amaral dos. *Estrutura e funcionamento da escola de 1º grau: introdução à prática de ensino, estágio supervisionado*. Rio de Janeiro, 1975. 157p.
- REUHLIN, Maurice. *A orientação escolar e profissional*. Trad. Olga Magalhães. Porto, RÉS, 1976.
- RIBEIRO, Maria Teresa A. V. et alii. *Orientação educacional: uma experiência em desenvolvimento*. São Paulo, EPU, 1984. 111p.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. Trad. de Manuel do Carmo Pereira. Lisboa, Moraes, 1970.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis, Vozes, 1978. 124p.
- SAALFELD, Lawrence J. *Orientação educacional e aconselhamento*. Rio de Janeiro, Agir, 1962. 315p.
- SALVADOR, Angeló Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre, Sulina, 1974. 235p.
- SANTOS, Oswaldo de Barros. *Orientação e desenvolvimento do potencial humano*. São Paulo, Pioneira, 1978. 191p.
- _____. *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional*. São Paulo, Pioneira, 1973. 227p.
- SCHEEFFER, Ruth. *Aconselhamento psicológico*. Rio de Janeiro, Atlas, 1975.
- SCHMIDT, Maria Junqueira. *O adolescente na escola*. Rio de Janeiro, CADES, s.d. 16p. (Cadernos de Orientação Educacional, 17)
- _____. *A orientação educacional de adolescentes*. 2ed. rev., Rio de Janeiro, CADES, s.d. 27p. (Cadernos de Orientação Educacional, 1).
- SCHMIDT, Maria J. & PEREIRA, Maria L. S. *Orientação educacional*. Rio de Janeiro, Agir, 1975. 216p.

- SPERB, Dalila C. *Problemas gerais de currículo*. Porto Alegre, Globo, 1979. 347p.
- SUPER, Donald E. & BOHN JUNIOR, Martin J. *Psicología Ocupacional*. Trad. de Esdras do Nascimento. São Paulo, Atlas, 1976. 230p.
- TRALDI, Lady Lima. *Currículo: conceituação e implicações*. São Paulo, Atlas, 1977. 85p.
- TYLER, L. E. *La función del orientador*. México, Trillas, 1977.
- TYLER, Ralph. *Princípios básicos de currículo e ensino*. Porto Alegre, Globo, 1981. 119p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. *Normas para apresentação de trabalhos*. Curitiba, 1981. 183p.
- VASCONCELLOS, Maria José E. de et alii. *Curso de informação profissional*. Belo Horizonte, Ed. Vigília, 1974. 214p.
- VICTORIANO, M. *Introdução à orientação educacional*. São Paulo, Loyola, 1973.

ANEXO 1

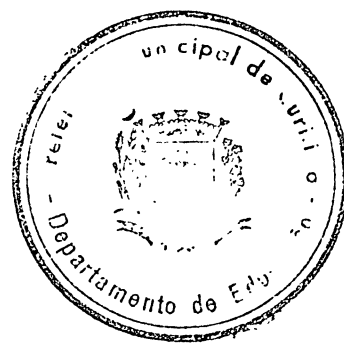
AUTORIZAÇÃO

ANEXOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DIRETORIA GERAL



A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizamos a Senhora ERACLIDES ANA FLORES KLOECKNER, aluna de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, a manter contato com as Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, com o objetivo de aplicação de questionário que servirá de apoio à sua tese, ligada à área de Currículo.

Para tanto, a mesma conta com o apoio dos Orientadores, Supervisores, Diretores e Professores das escolas de 5a. à 8a. série.

Por considerarmos o trabalho de relevância educativa, contamos com sua colaboração.

Curitiba, 1º de novembro de 1984.


ROSA MARIA ACHCAR MALHEIROS

R/ DIRETORA GERAL

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO INFORMATIVO

Prezado Colega:

Esta pesquisa tem por finalidade colher informações sobre as atividades da Orientação Educacional na sua Escola.

Sua participação será muito valiosa no sentido de possibilitar um maior conhecimento da realidade existente.

Assim, solicitamos que responda a todas as questões após reflexão pessoal, sem discussões ou formação de equipes de respondentes.

Desde já agradecemos sua valiosa colaboração.

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Sua função na Escola é:

administrador

supervisor

orientador

docente

3. Idade:

- 20-24 anos
- 25-29 anos
- 30-34 anos
- mais de 35 anos

4. Tipo de formação:

Curso que o habilitou para este cargo: _____

Sendo *currículo* compreendido como *todas as experiências organizadas e supervisionadas* pela escola e pelos quais ela assume responsabilidade, pergunta-se:

5. Na sua Escola o currículo:

- Está centrado em torno dos interesses, propósitos, necessidades e aspirações de cada aluno.
- Parte do concreto para o abstrato uma vez que qualquer assunto pode ser aprendido pelo aluno quando respeitadas as condições de maturidade e prontidão.
- É organizado em disciplinas estanques sendo o aluno mero receptor de um conjunto de verdades pré-estabelecidas.
- É elaborado por especialistas que hierarquizam objetivos, definem pequenos passos, prevêm mudanças de comportamento, uniformizam critérios de avaliação e instrumentos de medida.
- Enfatiza uma visão crítica que dialetiza as relações, que problematiza os conteúdos e retoma o papel do professor como dirigente do processo.
- Outra: especifique.

6. Assinale os objetivos que devem ser desenvolvidos na Orientação Educacional como meio de implementação do currículo, observando o seguinte critério:

1. pouco importante

2. importante

3. muito importante

() Trabalhar na escola a orientação preventiva.

() Cooperar para a interação dos alunos nos diversos grupos.

() Alertar sobre importância das opções responsáveis.

() Desenvolver a auto-imagem.

() Melhorar o relacionamento inter-pessoal.

() Conhecer melhor o mundo do trabalho.

() Criar oportunidades de experiências favoráveis a aprendizagem.

() Estimular o bom convívio social.

() Vivenciar situações-problemas.

() Informar sobre a necessidade do conhecimento das possibilidades e das limitações.

7. Na sua Escola a Orientação Educacional está integrada funcionalmente ao currículo.

() Sim

() Não

() Não sei

8. Em caso afirmativo assinale na tabela abaixo um valor de 1 a 5 em função do nível de integração da Orientação Educacional e os demais envolvidos no processo educativo lembrando que 1 corresponde ao valor mais baixo e 5 ao valor mais alto.

Orientação Educacional X Direção

1 2 3 4 5

Orientação Educacional X Supervisão

1 2 3 4 5

Orientação Educacional X Professores

1 2 3 4 5

Orientação Educacional X Alunos

1 2 3 4 5

Orientação Educacional X Família dos alunos

1 2 3 4 5

Orientação Educacional X Comunidade

1 2 3 4 5

9. Existe na grade curricular um horário destinado para a realização da Orientação Educacional:
- Sim
- Não
- Não sei
10. Em caso afirmativo responda se o horário destinado para esta atividade é:
- antes do início normal das aulas
- após o término de todas as aulas
- entre o intervalo das aulas

() durante o horário considerado vago

() outra: especifique: _____

11. Você considera que a demanda por Orientação Educacional proposta no currículo em nossas escolas estão diretamente vinculadas a:

() responder às necessidades da sociedade industrial

() contribuir para a adaptação do indivíduo ao meio ambiente.

() exercer uma ação preventiva sobre a grande maioria dos alunos

() facilitar o desenvolvimento positivo e integrado do indivíduo

() ampliar o processo de preparação para o trabalho informando sobre oportunidades e limitações do mercado do trabalho

() assessorar os pais na identificação e compreensão do desenvolvimento cognitivo dos filhos

() procurar corrigir os distúrbios de comportamento em geral

() ajustar o aluno à escola e à sociedade

() respeitar o ritmo do aluno, controlando cada passo e planejando o próximo passo a ser dado

() outra: especifique: _____

Considerando sessão coletiva de orientação como um recurso utilizado pelo Orientador para promover o desenvolvimento

to de cada aluno no grupo e no enriquecimento do grupo como um todo responder:

12. Na sua Escola são realizadas sessões coletivas de orientação:

- sim
- não
- não sei

Caso sua resposta seja afirmativa assinalar:

13. As sessões coletivas são realizadas por turma:

- sim
- não
- não sei

14. As sessões coletivas de orientação têm em geral a duração de:

- 20 minutos
- 30 minutos
- 50 minutos
- tempo indeterminado

15. As sessões coletivas de orientação são realizadas:

- somente nas turmas de 5ª série
- somente nas turmas de 8ª série
- somente nas turmas de 6ª série
- somente nas turmas de 7ª série
- somente nas turmas de 5ª a 8ª série
- outra: especifique: _____

16. O número de sessões coletivas realizadas por turma é de:

uma vez por semana

duas vezes por semana

uma vez cada quinze dias

uma vez durante o mês

outra: especifique: _____

17. As sessões coletivas de orientação fazem parte do planejamento anual do currículo:

sim

não

não sei

18. Indique de que forma as sessões coletivas de orientação estão relacionadas ao currículo:

quando as sessões visam o aspecto disciplinar

quando as sessões são supletivas as funções administrativas da comunidade escolar

quando as sessões reforçam o aspecto de melhoria dos padrões de aprendizagem individual

quando as sessões buscam o desenvolvimento do indivíduo como um todo

quando as sessões valorizam o sucesso, a eficiência o individualismo, procurando fazer com que o aluno aprenda mais, com menor esforço, dentro do seu próprio ritmo

outra: especifique: _____

19. Assinale quais os temas desenvolvidos nas sessões coletivas de orientação:

- disciplina
- habilidades de estudo
- relacionamento interpessoal
- trabalho da comunidade
- eficiência na solução de problemas
- orientação sexual
- hábitos de higiene
- lazer
- informação profissional
- alimentação
- poluição
- desenvolvimento da auto-imagem
- namoro
- uso das drogas: tóxicos, fumo e bebida alcoólica
- organização e método
- valorização das tradições
- feira de ciência
- criatividade na resolução dos problemas
- outra: especifique _____

20. Relacione os temas que são desenvolvidos com maior frequência nas sessões coletivas de orientação da sua Escola dentre os apresentados no item 19, indicando do mais para o menos frequente:

- 1
- 2
- 3
- 4

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

21. As sessões coletivas de orientação oferecidas na sua Escola são planejadas antecipadamente pelo Orientador Educacional:

- sim
- não
- não sei

22. Marque a alternativa que indica a finalidade destas sessões coletivas:

- de apoio às funções administrativas
- de apoio às funções pedagógicas
- de apoio às funções de orientação preventiva
- de apoio a qualidade do ensino medida pelo material instrucional
- de apoio ao ajustamento do aluno na escola e na sociedade.
- de apoio às atividades extra-curriculares
- outra: especifique _____

23. Que situações mais suscitam as sessões coletivas de orientação:
- () as ausências dos professores
 - () os atos de indisciplina dos alunos
 - () os problemas de relacionamento entre aluno X aluno
 - () os problemas de relacionamento entre aluno X Professor
 - () os problemas de relacionamento entre aluno X administrador
 - () o baixo rendimento escolar dos alunos
 - () os problemas familiares
 - () o preparo para o avanço da tecnologia em geral
 - () a necessidade de prevenir situações problemáticas
 - () outra: especifique _____
24. Qual o responsável pelo atendimento das sessões coletivas de orientação:
- () o Orientador Educacional
 - () o Professor
 - () o representante de Turma
 - () os alunos ficam sem atendimento
 - () outra: especifique _____
25. Você considera necessário a avaliação das sessões coletivas de orientação:
- () sim
 - () não
 - () não pensei a respeito

26. Em caso afirmativo quando estas sessões coletivas de orientação devem ser avaliadas:
- sempre que se fizer necessário
 - após cada semestre letivo
 - sempre ao término da atividade
 - sempre associada à avaliação do currículo
 - outra: especifique _____
27. Na sua Escola as sessões coletivas de orientação são avaliadas:
- sim
 - não
 - não sei
28. Assinale na relação abaixo o responsável pela avaliação das sessões coletivas:
- o Orientador
 - o Professor
 - o Administrador
 - o Aluno
 - a família do aluno
 - outro: especifique _____
29. De que maneira é feita a avaliação das sessões coletivas:
- através de relatório apresentado ao final do semestre
 - através do preenchimento de questionário
 - através do registro de observação
 - através de ficha de avaliação
 - outra: especifique _____

30. Estabeleça valor de 1 a 5 (conforme critério abaixo) para o que considera importante numa sessão coletiva de orientação a fim de que atinja seu verdadeiro objetivo:

- 1- pouco importante
- 2- importante
- 3- muito importante
- 4- muitíssimo importante
- 5- extremamente importante

- () integrar as sessões coletivas com as diversas disciplinas da Escola
- () fazer parte do planejamento anual do currículo
- () partir do levantamento de interesses dos alunos
- () envolver os professores na sugestão dos temas a serem trabalhados
- () caracterizar previamente a clientela a ser atingida
- () conhecer antecipadamente os recursos físicos e materiais existentes e disponíveis na Escola
- () desenvolver as tarefas evolutivas próprias da adolescência

Segundo Robert Havighurst "tarefa evolutiva surge em determinado momento da vida do indivíduo e, se realizada com êxito, dá-lhe felicidade e leva-o a novos êxitos em tarefas posteriores, o fracasso, ao contrário, conduz à infelicidade, à desaprovação da sociedade e a dificuldade na realização de tarefas posteriores".

31. Sob tal enfoque, para você a tarefa evolutiva:

- favorece o crescimento bio-psico-social do adolescente
- reforça a auto-determinação do educando
- promove o crescimento e desenvolvimento intelectual do aluno
- é uma atividade usada para ocupar o tempo ocioso dos alunos
- as três primeiras alternativas estão corretas.
- outra: especifique _____

32. Considerando a importância das tarefas evolutivas no desenvolvimento do adolescente, como você vê a sessão coletiva de orientação:

- contribui para a realização das tarefas evolutivas
- é uma atividade que reforça a passagem de uma tarefa evolutiva a tarefas posteriores
- favorece a qualidade da execução de cada tarefa evolutiva
- as três primeiras alternativas estão corretas
- é uma atividade que dificulta a realização das tarefas evolutivas
- outra: especifique _____

33. Como devem ser realizadas as sessões coletivas de orientação visando desempenho efetivo das tarefas evolutivas:

34. No seu entender para que devem servir as sessões coletivas de orientação:

35. Quem é incentivador das sessões de orientação na sua Escola:

- o Diretor
- o Supervisor
- o Orientador
- o Professor
- o Aluno
- a família do aluno
- todos
- ninguém

36. Quem deveria ser o maior incentivador das sessões de orientação na sua Escola:

- o Diretor
- o Supervisor
- o Orientador
- o Professor
- o Aluno
- todos
- outro: especifique _____

37. Na sua Escola o conteúdo trabalhado nas diversas disciplinas:

- depende do aprendizado de cada aluno e serve como instrumento
- depende de situações preditíveis e fala linguagem de produção
- é centrado no aluno, orientado para autonomia e crescimento viável através das tarefas evolutivas
- baseia-se na necessidade da sociedade
- dá ênfase na manutenção da tradição e da herança cultural
- outra: especifique _____

38. Como você vê o aluno no processo ensino/aprendizagem:

- é elemento interativo e adaptativo
- é elemento de laboratório
- é o centro do processo ensino/aprendizagem
- é visto dentro das necessidades sociais e não individuais
- é receptor da tradição e herança cultural
- outro: especifique _____

39. O emprego e manuseio do material didático na sua Escola está diretamente relacionado a:

- conduzir o aluno no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem
- favorecer a auto-realização do aluno
- acompanhar o desenvolvimento da Tecnologia
- aproveitar os recursos existentes no cotidiano

contribuir na transmissão e manutenção da cultura

outro: especifique _____

40. Considerando a importância da atuação do professor na comunidade escolar como você vê a função do professor na sua Escola:

é desenvolver uma espécie de autonomia intelectual

é falar linguagem de produção

é atender as diferenças individuais que motivam a presença de cada aluno na Escola

é dar orientação para o presente e para o futuro

é cultivar o intelecto da criança para a aquisição de ferramentas a fim de participar da tradição cultural

outra: especifique _____

41. A ação do Orientador em relação ao ensino/aprendizagem se faz quando:

visa modificações no ambiente objetivando modificar o aluno

busca apoiar e desenvolver no aluno conhecimentos que possibilitem maior aprimoramento intelectual

objetiva desenvolver no aluno a capacidade da descoberta de seu próprio aprendizado

procura avaliar a qualidade dos resultados

desenvolve no aluno uma atitude reflexiva frente a herança cultural

outra: especifique _____

42. Um ponto tão esquecido em nossas escolas é a criatividade
A Orientação Educacional através de atividades variadas
pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade cria-
dora do aluno quando:

() cria condições para o aluno vivenciar situações-pro-
blemas

() oportuniza o desenvolvimento da imaginação criadora

() favorece o gosto pela originalidade

() as alternativas acima estão corretas

() outra: especifique _____

ANEXO 3

RELAÇÃO DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO

ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

NOME DA ESCOLA:

ENDEREÇO:

ESCOLA MUNICIPAL ENY CALDEIRA

Rua Guilherme, 51 - Vila Tingui - Fone: 256-2084

ESCOLA MUNICIPAL PAPA JOÃO XXIII

Rua Itacolomi, 700 - Fone: 248-5282

ESCOLA MUNICIPAL PREFEITO OMAR SABBAG

Rua Paulo de Frontin s/n - Vila Oficinas - Fone: 266-4282

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HERLEY MEHL

Rua B - Quadra D, 80 - V. N. S. Pilar - Fone: 252-2112

ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO MOREIRA

Rua Alexandre Marcoski, 82 - Fone: 272-1472

ESCOLA MUNICIPAL SÃO MIGUEL

Rua José Rodrigues s/n - Fone: 248-4181

ESCOLA MUNICIPAL TAPAJÓS

Rua André Ferreira de Camargo, s/n - Vila Tapajós - F: 276-2975

ESCOLA MUNICIPAL VILA AURORA

Rua Fiorante Slavieiro, 750 - Fone: 246-8132

ESCOLA MUNICIPAL RIO NEGRO

Rua Celeste Tortato Gabardo, 600 - Fone: 246-8064

ESCOLA MUNICIPAL PIRATINI

Rua João Malta de A. Maranhão, 104 - Fone: 246-8191

ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA

Rua 1, nº 80 - Vila Nova Esperança/Atuba - Fone: 256-2393

ESCOLA MUNICIPAL MARIA CLARA BRANDÃO TESSEROLLI

Rua João Ribeiro Lemos, 361 - V. Stª Maria - Fone: 246-2210

ESCOLA MUNICIPAL ALBERT SCHWEITZER

Praça Central, 678 - V. N. S. da LUZ - Fone: 246-2028

ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA LUZ

Praça Central, s/n - Fone: 246-8025

ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO

Av. Perimetral Norte, 501 - Fone: 246-8434

ESCOLA MUNICIPAL GRACILIANO RAMOS

Rua Alcir Martins Bastos, 560 - Fone: 248-4884

ESCOLA MUNICIPAL JULIA AMARAL DI LENNA

Área Central da Vila Santa Efigênia - Fone: 253-6413

ESCOLA MUNICIPAL CASCAVEL

Rua Guilherme de Souza Valente, 55 - Abranches - Fone: 253-5342

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM PARAÍSO

Rua Mobral s/n

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM SANTOS ANDRADE

Rua Luiz Zilli, 20 - Fone: 244-0713

ESCOLA MUNICIPAL ATUBA

Rua Rio Japurá, s/n - Atuba - Fone: 253-6083

ESCOLA MUNICIPAL ISSA NACLI

Rua Augusto Zibarch, 648 - Uberaba de Cima - Fone: 266-1149

ESCOLA MUNICIPAL SÃO MATEUS DO SUL

Rua Orestes Codego, 489 - Pinheirinho - Fone: 246-8473

ESCOLA MUNICIPAL WENCESLAU BRAZ

Rua O Brasil para Cristo, 588 - Fone: 277-1482

ESCOLA MUNICIPAL LAPA

Rua Diogo Mugiatti, 5684 - Boqueirão - Fone: 277-1531

ESCOLA MUNICIPAL CERRO AZUL

Rua João Sebastião Bunik, 27 - Fone: 256-6384

ESCOLA MUNICIPAL TIBAGI

Rua dos Ipês, 01 - Conj. Paineiras - Fone: 253-0713

ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO MARTINS

Rua João Dembinski, 700 - Fone: 272-2292

ESCOLA MUNICIPAL DONA LULA

Rua Elias Moisés Schelela, 570 - Fone: 277-1571

ESCOLA MUNICIPAL PARANAÍ

Rua Pedro Siemens, 299 - J. Itamaraty - Fone: 277-1631

ESCOLA MUNICIPAL IVAIPORÃ

Rua Adeodato Volpi, 125 - Fone: 246-8662

ESCOLA MUNICIPAL UMUARAMA

Rua Frei Teófilo, 730 - Capão Raso - Fone: 246-8634

ESCOLA MUNICIPAL PARANAGUÁ

Rua Angelo Antonio Dallegrave, 12 - Saturno - Fone: 272-2513

ESCOLA MUNICIPAL JAGUARIAÍVA

Rua Arthur Julião Silva, 01 - Conj. Solar - Fone: 253-0612 r.486

ESCOLA MUNICIPAL IRATI

Rua Aderbal Stresser, 651 - Fone: 266-8142

ESCOLA MUNICIPAL FOZ DO IGUAÇU

Rua João Reffo, 1080 - Fone: 272-2274

ESCOLA MUNICIPAL CAMPO MOURÃO

Rua Acir Santos, 14 - Ramal 487

ESCOLA MUNICIPAL ROLÂNDIA

Rua Desembargador Antonio de Paula, 1500 - Fone: 277-1123

ESCOLA MUNICIPAL ARAUCÁRIA

Rua Iriri, 355 - Fone: 252-9097

ESCOLA MUNICIPAL CASTRO

Rua Airton Pizzatto Guzi, s/n - Jd. Maringá- Fone: 277-1181

ESCOLA MUNICIPAL MARINGÁ

Rua Brasília Peri Moreira, 17 - Fone: 246-8585

ESCOLA MUNICIPAL MONSENHOR BOLES LAU FALARZ

Rua Luiz Homann, 639 - São Braz - Fone: 272-2571

ESCOLA MUNICIPAL NOVA ESPERANÇA

Rua Henrique Matiolli, 07 - Fazendinha - Fone: 248-4888

ESCOLA MUNICIPAL CIANORTE

Rua Vereador Elias Karan, 1060 - Fone: 248-4944

ESCOLA MUNICIPAL ARAPONGAS

Rua Eduardo Carlos Pereira, 22 - Fone: 246-8541

ESCOLA MUNICIPAL BELA VISTA DO PARAÍSO

Rua Antonio Antoniacomi, 13 - Fone: 256-6634

ESCOLA MUNICIPAL UNIÃO DA VITÓRIA

Rua João Alexandre Kopp, s/n - Fone: 248-4131

ESCOLA MUNICIPAL PALMAS

Rua David Bodziak, 100 - Fone: 253-7007

ESCOLA MUNICIPAL MARIALVA

Rua Cid M. Albuquerque, 570 - V. Acordes - Fone: 246-8364

ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO DA PLATINA

Rua José Joaquim Teixeira, s/n - Fone: 248-2030

ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM TÁVORA

Rua AT 49, 90 - Cj. Oswaldo Cruz II - Fone: 246-8343

ESCOLA MUNICIPAL PINHEIRINHO

Rua A, s/n - Fone: 246-0062

ESCOLA MUNICIPAL PREF. LINNEU FERREIRA DO AMARAL

Rua Roraima, 568 - Vila Oficinas - Fone: 266-8281

ESCOLA MUNICIPAL PROF. PEDRO VIRIATO PARIGOT DE SOUZA

Rua 17, s/n - Cj. Parigot de Souza - Fone: 277-1439

ESCOLA MUNICIPAL PROFªA AUGUSTA GLÜCK RIBAS

Rua Isaac Ferreira da Cruz, 3560 - Pinheirinho - Fone: 246-8284

ESCOLA MUNICIPAL PROF. FRANCISCO HÜBERT

Rua Francisco Derosso, s/n - Cj. Eucaliptos - Fone: 276-7991

ESCOLA MUNICIPAL COLONIA AUGUSTA

Rua Estanislau Felibrante, s/n - Fone: 246-8448

ESCOLA MUNICIPAL PADRE JOÃO CRUCIANI

Rua do Pequeno Cotoengo s/n - Fone: 244-0882

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM PARANAENSE

Rua Capitão Roberto Lopes Quintas, s/n - Fone: 276-7885

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM SANTO INÁCIO

Rua Silvio Zanatto, 26 - Stº Inácio - Fone: 272-5741

ESCOLA MUNICIPAL ANA HELLA

Rua José Hella, 23 - Fone: 223-7563

ESCOLA MUNICIPAL FERNÃO DIAS

Av. 01, nº 2.400 - Cj. Fernão Dias - Fone: 272-4481

ESCOLA MUNICIPAL PROF. ANTONIO PIETRUZA

Rua João Amadeu Pedro Bom, 135 - Tatuquara - Fone: 246-0121

ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO KLEMTZ

Rua Francisco Tissot, 30 - Fone: 248-4434

ESCOLA MUNICIPAL IRMÃ THERESITA JUGLAIR

Rua Particular, 91 - Campina do Siqueira - Fone: 244-0814

ESCOLA MUNICIPAL DES. MARÇAL JUSTEN

Rua Santa Catarina, s/n - Fone: 244-0623

ESCOLA MUNICIPAL ÉRICO VERÍSSIMO

Rua 29, nº 36 - Cj. Euclides da Cunha - Fone: 276-7575

ESCOLA MUNICIPAL PROF. GUILHERME BUTLER

Rua Irmã Flávia Borlet, s/n

ESCOLA MUNICIPAL BARIGUI

Estrada Carmela Dutra, 3280 - Fone: 244-0773

ESCOLA MUNICIPAL DOS VINHEDOS

Rua Zen Bertapolle, 55 - Fone: 272-4621

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM DAS BANDEIRAS

Rua Califórnia, 41 - V. Rio Negro - Fone: 246-0164

ESCOLA MUNICIPAL PEDRO DALLABONA

Rua Virgínia Dallabona, s/n - Fone: 272-4681

ESCOLA MUNICIPAL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Rua 06, s/n - Fazendinha - Fone: 248-4183

ESCOLA MUNICIPAL MORADIAS BELÉM

Rua do Carreteiro s/n

ESCOLA MUNICIPAL CAMPONESA

Rua O, s/n - Fone: 272-4521

ESCOLA MUNICIPAL ABAETÉ

Rua B, 309 - Fone: 253-5942

ESCOLA MUNICIPAL PRÓ-MORAR BARIGUI

Rua AP.02, 577 - Cj. Barigui I - Fone: 247-3034

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM ROSEMARY

Rua João Batista Zagonel Passos, s/n - Fone: 276-8833

ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DO CARMO

Rua Carlos Laet c/ Rua Antonio Schiebel - Fone: 276-1112

ESCOLA MUNICIPAL MORADIAS RIBEIRÃO

Rua 01, s/n - Conj. Moradias Ribeirão

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM EUROPA

Rua Hermenegildo Bonat, 42 - Xaxim - Fone: 246-0383

ESCOLA MUNICIPAL VILA OSTERNACK

Rua 01, s/n - Vila Osternack - Fone: 234-5259

ESCOLA MUNICIPAL DITMAR BREPHOL

Rua 17 - Conj. Moradias Itatiaia - CIC

ESCOLA MUNICIPAL HEITOR DE ALENCAR FURTADO

Rua Ap 04 - CIC - Conj. Moradias Augusta

ESCOLA MUNICIPAL EVA DA SILVA

Rua Frederico Stadler Júnior - Cj. Moradias Iracema